

A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1995



A LIAHONA

JUNHO DE 1995



Na capa:

Primeira Capa: Cristo Aparece a Joseph Smith e a Oliver Cowdery no Templo de Kirtland, de Robert T. Barrett. "Vimos diante de nós o Senhor, de pé (...)", testificou o Profeta Joseph. "Seus olhos eram como a labareda de fogo, os cabelos de Sua cabeça eram brancos como a pura neve; Seu semblante resplandecia mais do que o sol" (D&C 110:2-3). Revelações modernas, como esta, nos dão maior conhecimento a respeito do Salvador. Veja o apreço do Presidente Gordon B. Hinckley pelo Profeta Joseph Smith (página 8) e "Nova Luz a respeito da Vida Mortal e dos Ensinos de Jesus" (página 32). Última Capa: O Cristo Ressuscitado Abençoa as Crianças Nefitas, de Robert T. Barrett.

Capa da Seção Infantil:

A Oração do Companheiro, de Simon Dewey. Esta foi uma das 500 obras de arte provenientes de todo o mundo e submetidas ao Terceiro Concurso Internacional de Arte patrocinado pelo Museu de História e Arte da Igreja.

ÍNDICE

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "SE QUISEDES, E OBEDECERDES"

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

JOSEPH SMITH—VERDADEIRAMENTE UM PROFETA

PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 8

O PAI E A FAMÍLIA

SUSAN ZIMMERMAN 18

A PROFESSORA DO GRÃO DE MOSTARDA

JANET SCHILLER 24

UM PASSO VACILANTE DE CADA VEZ ALBERT PETERS 28

NOVA LUZ A RESPEITO DA VIDA MORTAL E DOS ENSINAMENTOS DE JESUS 32

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

MUROS DERRUBADOS RICHARD M. ROMNEY 12

QUEM SOU EU? DEREK TUCKER 20

REMÉDIO PARA O ESPÍRITO MICHAELA BLADOVÁ 26

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

**MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:
ORAR COM PROPÓSITO** 25

SEÇÃO INFANTIL

**HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON:
CAPITÃO MORÔNI E PAORÁ** 2

SÓ PARA DIVERTIR 5

IRMÃOS SHEILA KINDRED 6

**TEMPO DE COMPARTILHAR:
CREIO QUE O SACERDÓCIO ABENÇO A MINHA VIDA**
KAREN LOFGREEN 10

MÚSICA: ESCOLHENDO O QUE É CERTO 12

FICÇÃO: RENATO SALVA O DIA JENNY S. HATCH 14

JUNHO DE 1995, Vol. 19, nº 6

A LIAHONA, 95986 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker

Controlador: MaryAnn Martindale

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:

Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luit Alberto A. Silva (Reg. 17.605)

Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,

Caixa Postal 26023

05599-970 - São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 10,00;

para Portugal - Centro de Distribuição Portugal, Rua

Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada.

Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples

US\$ 5,00, aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa

agência: R\$ 0,85.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas

indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA - © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos

dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição

Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o

número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas

Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº

4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é

publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês,

inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano,

norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês;

bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e

trimestralmente em búlgaro, húngaro, islandês, russo e tcheco.

Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua

Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos

o direito de publicar somente os artigos solicitados

pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as

colaborações para apreciação da redação e da equipe

internacional do "International Magazine". Colaborações

espontâneas e matérias dos correspondentes estarão

sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,

2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011)

816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published

monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day

Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah

84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah

and at additional mailing offices. Subscription price

\$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice

required for change of address. When ordering a change,

include address label from a recent issue; changes cannot

be made unless both the old address and the new are

included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and

queries to Church Magazines, 50 East North Temple

Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription

information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA

at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah

84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

ENSINANDO PRINCÍPIOS DO EVANGELHO

Como professor de doutrina do evangelho em minha ala, sou muito grato pela enorme ajuda que recebo de *O Ie Liahona* (samoano). Os artigos são um recurso valioso para o ensino dos princípios do evangelho.

Gosto também de ler a respeito das experiências e dos testemunhos de santos de outras partes do mundo. Ajudam-me a lembrar que tenho irmãos e irmãs que também têm sido abençoados pelo evangelho de Jesus Cristo.

Aguardo ansioso pela entrega da revista a cada mês. Gostaria que todos recebessem um exemplar.

Aleni Saulo Fuatimau

Ala Satapuala

Estaca Upolu Samoa Oeste

UM TESOURO PRECIOSO

Sou membro da Igreja há 14 anos e vivo nos Estados Unidos há três. Durante esses três anos, perdi contato com a *Liahona* (espanhol) e senti um vazio na vida. Somente há pouco tempo descobri que poderia assinar a revista aqui.

A *Liahona* é minha bússola. Vem em meu próprio idioma, que tem tanto valor para mim, pois é o idioma em que me comunico com o Pai Celestial. Os artigos, especialmente os que são escritos pelas Autoridades Gerais, tocam a parte mais profunda de meu ser e ampliam meu testemunho.

A revista me edifica, nutre meu espírito, eleva-me a nobres altitudes e

persuade-me a fazer o bem.

Trato cada exemplar como um tesouro precioso.

Leda Carolina Sarmiento Schwartz

Ala 1 White Plains

Estaca Maryland Suitland

CONVERSO LITUANO

Tenho 41 anos de idade e sou membro da Igreja na Lituânia desde fevereiro de 1993. Após unir-me à Igreja passei a ser uma nova pessoa. Embora a vida seja complicada, sinto uma estabilidade interna devido a meu testemunho de Jesus Cristo e da veracidade da Igreja e de seus ensinamentos.

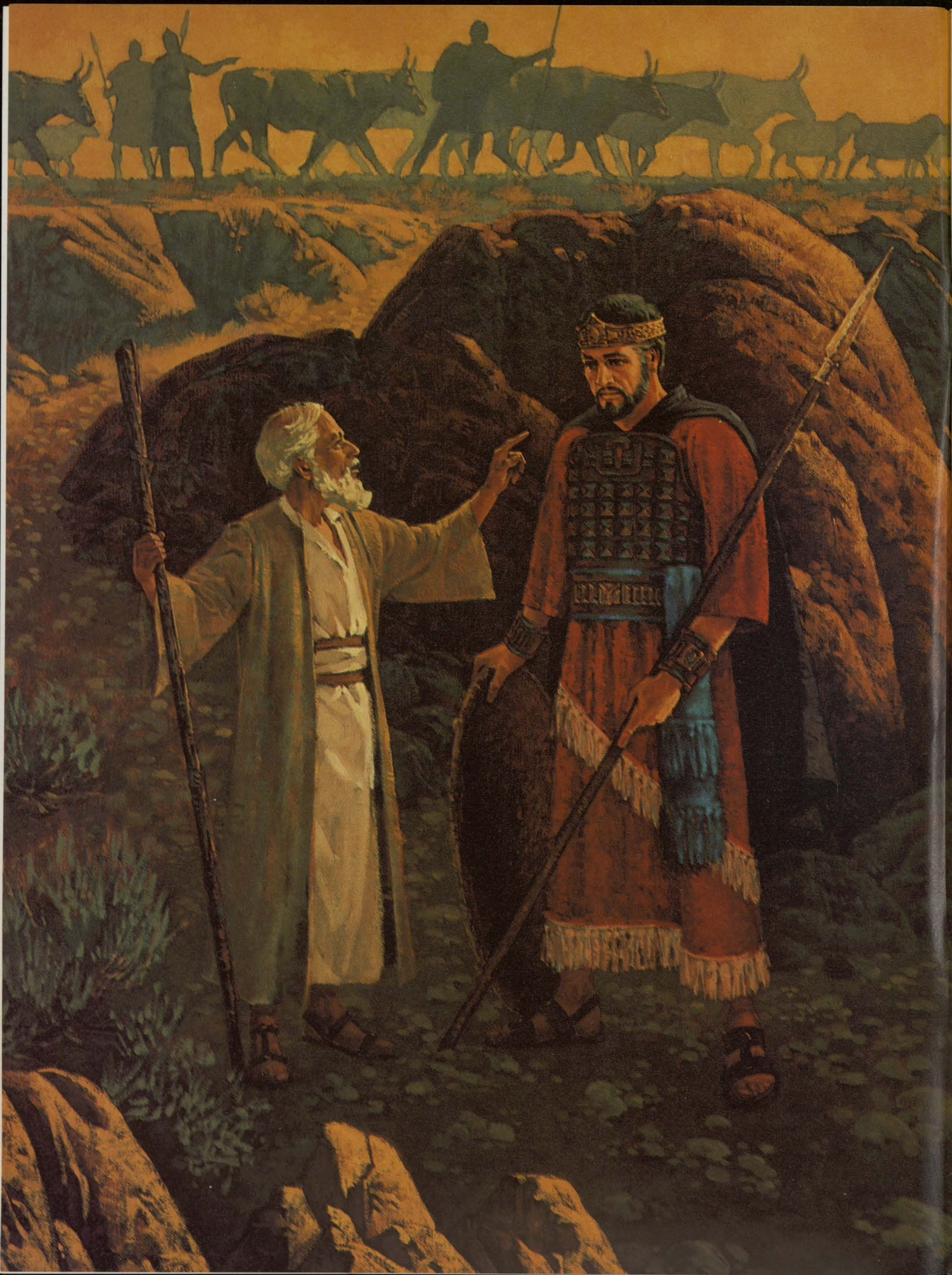
Sendo um cientista que seguia uma abordagem materialista da vida, no início foi difícil aceitar a mensagem dos missionários. Sou grato pelo trabalho nobre que desempenham. Sou hoje um portador do sacerdócio e mestre familiar.

Minha esposa não é membro, mas juntos organizamos noites familiares com outros membros de nosso ramo, o Ramo 1 de Vilnius. Também temos a oportunidade de ler a revista da Igreja chamada *Liahona* publicada em russo.

Gazim Bizhanov

Vilnius, Lituânia

ERRATA: No crédito da música "Natividade", publicada na seção infantil de dezembro de 1994, deve-se ler: Adaptada do poema "A História da Natividade", de Avon Allen Compton. Letra e Música: Patricia Kelsey Graham, n. 1940. © 1980 SUD.



“Se Quiserdes, e Obedecerdes”

Presidente Gordon B. Hinckley

Há vários anos, estive em Londres e observei, na Trafalgar Square, a estátua de Lorde Nelson. (N. T. — Horatio Nelson, almirante inglês que derrotou Napoleão.) Gravadas ao pé da coluna estão as palavras que proferiu na manhã da Batalha de Trafalgar: “A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever.” Lorde Nelson foi morto, como muitos outros, naquele dia histórico de 1805; mas a Inglaterra foi salva e a Grã-Bretanha tornou-se um império.

De lá para cá, a imagem do dever e da obediência foi seriamente prejudicada, mas isso não é característica só dos nossos tempos; é tão velho quanto a história da humanidade. Isaías declarou ao povo de Israel:

“Se quiserdes, e obedecerdes, comereis o bem desta terra.

Mas se recusardes, e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do Senhor o disse.” (Isaías 1:19–20)

Lembro-me de quando tinha 14 ou 15 anos e estava sentado neste



Quando menino, Samuel, acima, ouviu a voz do Senhor e foi obediente aos mandamentos de Deus. Como grande profeta, à esquerda, declarou ao desobediente Rei Saul: “O obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros”.

tabernáculo—no balcão, atrás do relógio—ouvindo o Presidente Heber J. Grant contar a experiência de ter lido o Livro de Mórmon quando menino. Falou da grande influência de Néfi em sua vida e, depois, com uma convicção que nunca esquecerei, citou estas grandes palavras de Néfi: “Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, porque sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens possam ser cumpridas.” (1 Néfi 3:7)

Naquele momento, meu jovem coração decidiu que tentaria fazer o que o Senhor ordenasse. Que coisas maravilhosas acontecem quando homens e mulheres têm fé e obedecem ao que deles se requer! Lembrome da história do Comandante William Robert Anderson, oficial naval que comandou o submarino *Nautilus* na viagem por sob o gelo polar do Oceano Pacífico para o Oceano Atlântico, um feito ousado e perigoso. A narrativa incluía um grande número de outras explorações igualmente perigosas e concluía com a declaração de que o comandante levava na carteira um velho cartão, no qual se liam as seguintes palavras: “Creio que Deus sempre abrirá um caminho onde não houver caminho.”

Também acredito que Deus abrirá um caminho onde não houver

caminho. Acredito que, se formos obedientes aos mandamentos de Deus e seguirmos os conselhos do sacerdócio, Ele abrirá um caminho até mesmo onde aparentemente não houver saída.

A OBEDIÊNCIA DOS PROFETAS

Conhecemos o relato bíblico de Samuel, que quando menino ouviu a voz do Senhor e respondeu: “Fala, porque o teu servo ouve.” (I Samuel 3:10) Daquele dia em diante, Samuel foi obediente aos mandamentos de Deus e tornou-se o grande profeta de Israel. Foi quem escolheu e ordenou tanto o Rei Saul quanto o Rei Davi e quem disse a Saul, numa repreensão que ecoa através das eras: “(. . .) o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros.” (I Samuel 15:22)

Sinto-me fortalecido por uma simples passagem bíblica a respeito do Profeta Elias, que preveniu o Rei Acabe da seca e fome que viriam sobre a terra. Acabe zombou do aviso. O Senhor disse a Elias que se escondesse perto do ribeiro de Querite e lá bebesse suas águas e fosse sustentado pelos corvos. A escritura registra uma ação simples e maravilhosa de Elias: “Foi, pois, e fez conforme a palavra do Senhor.” (I Reis 17:5)

Não houve argumentação,

desculpadas nem equívocos. Elias simplesmente “foi e fez conforme a palavra do Senhor”. E foi poupado das terríveis calamidades que caíram sobre os que escarneciam, argumentavam e discutiam.

SENSAÇÃO DE INADEQUAÇÃO

Nem sempre é fácil ser obediente à voz do Senhor. Podemos sentir-nos inadequados. Podemos encontrar conforto na conversa de Moisés com Jeová. Jeová ordenara a Moisés que tirasse Israel do Egito. Na época, Moisés era fugitivo e pastoreava ovelhas. Quão inadequado deve ter-se sentido!

“Então disse Moisés ao Senhor: Ah, meu Senhor! eu não sou homem eloqüente, (. . .) porque sou pesado de boca e pesado de língua.” (E quase posso ouvi-lo dizer: “Por favor, não me faça esse pedido.”)

E disse-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? (. . .).

Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar.” (Êxodo 4:10-12)

O CHAMADO DE HEBER C. KIMBALL

Em 1837, quando a Igreja passava por maus momentos em Kirtland, Ohio, o Profeta chamou Heber C. Kimball para dar início à obra na Inglaterra. O Irmão Kimball, humi-



ILUSTRADO POR GARY KAPP

lhando-se, exclamou: “Ó Senhor, sou um homem gago e inteiramente inadequado para esse trabalho; como posso pregar nessa terra tão conhecida em toda a cristandade por seu conhecimento, saber e piedade (...), para um povo cuja inteligência é proverbial!”

Mais tarde, porém, refletindo, acrescentou: “Contudo, todas essas considerações não me afastaram da vereda do dever; no momento em que compreendi a vontade do Pai Celestial, senti a determinação de ir a despeito de tudo, acreditando que Ele me apoiaria, por Seu poder ilimitado, e me revestiria de todas as qualificações necessárias; e embora minha família me fosse muito querida, e eu tivesse que deixá-los quase à míngua, senti que a causa da verdade, o evangelho de Cristo, superava qualquer outra consideração.” [Citado em Orson F. Whitney, *The Life of*

Heber C. Kimball (A Vida de Heber C. Kimball), Salt Lake City: Bookcraft, 1967, p. 104.]

Ele e seus companheiros atravessaram o oceano e iniciaram o trabalho em Preston, Lancashire, com a oposição dos próprios demônios do inferno. Assim começou, naquela parte do mundo, a obra que tem abençoado inúmeras pessoas.

DESIGNAÇÕES DIFÍCEIS

As designações dadas a nós, ou o quinhão que recebemos na vida, podem ser difíceis. Certamente, muitos pioneiros santos dos últimos dias—do passado e mesmo os de hoje que enfrentam situações difíceis—devem ter sentido isso. Naamã, o leproso, com seus cavalos, carruagem, presentes e ouro, foi procurar o Profeta Eliseu para que este o curasse. Eliseu, sem ir vê-lo, mandou

Apesar de sentir-se inadequado, Heber C. Kimball, em 1837, obedeceu ao chamado do Senhor de servir missão na Inglaterra. Ansioso para partir, não pôde esperar o transatlântico atracar e tomou um barco para ir ao navio.

um mensageiro, dizendo: “Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado.” (Ver II Reis 5:1–10.)

Mas Naamã, o orgulhoso capitão das hostes sírias, sentiu-se ofendido e foi embora. Somente quando seus servos lhe imploraram, humilhou-se suficientemente para retornar. O registro diz: “Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne de um menino, e ficou purificado.” (Ver versículos 11–14.)

Às vezes, a designação que queremos evitar é exatamente aquela que nos dará uma grande bênção.

Há muitos anos, eu estava em missão na Inglaterra e fora chamado para trabalhar no escritório da Missão Européia, cujo presidente era Joseph F. Merrill, do Conselho dos Doze. Um dia, três ou quatro jornais de Londres apresentaram uma resenha a respeito de um livro antigo em reedição, bastante ofensivo e desagradável, indicando que o livro tratava da história dos Mórmons. O Presidente Merrill disse-me: "Quero que vá ao editor e proteste contra isto." Olhei para ele disposto a dizer: "Não, isso não é para mim"; mas, humildemente, disse: "Sim, senhor".

Não escondo que fiquei com medo. Fui para minha sala e senti algo que Moisés deve ter sentido quando o Senhor lhe pediu que fosse ver o Faraó. Fiz uma oração. Ao caminhar para a estação de Goodge Street, a fim de pegar o metrô para Fleet Street, sentia um vazio no estômago. Cheguei ao escritório do diretor e apresentei meu cartão à recepcionista. Ela pegou-o, entrou na sala do diretor e logo retornou dizendo que ele estava muito ocupado para atender-me. Respondi dizendo que viajara mais de 8.000 quilômetros e que esperaria. Durante uma hora ela foi duas ou três vezes à sala do diretor. Depois, finalmente, disse que eu podia entrar. Nunca esquecerei a cena quando

entrei. O homem fumava um longo charuto e tinha um olhar de "Não me importune".

Eu tinha nas mãos as resenhas e não me lembro do que disse. Algum outro poder parecia estar falando por mim. No início, ele ficou na defensiva e foi até hostil. Então, começou a amolecer. No final, prometeu fazer algo. No decorrer de uma hora, todas as livrarias da Inglaterra já haviam recebido a ordem de devolverem os livros para o editor. Com grandes despesas, ele imprimiu na capa de cada volume uma declaração de que o livro não deveria ser considerado como história, mas sim ficção, e que seu conteúdo não tinha qualquer intenção de ofender o respeitado povo mórmon. Anos mais tarde, esse senhor prestou um valiosíssimo favor à Igreja, e todos os anos, até o dia de seu falecimento, recebi dele um cartão de Natal.

Aprendi que quando com fé tentamos ser obedientes às exigências do sacerdócio, o Senhor abre um caminho, mesmo quando parece não haver caminho.

Presto-lhes testemunho de que a felicidade dos santos dos últimos dias, a paz dos santos dos últimos dias, o progresso dos santos dos últimos dias, a prosperidade dos santos dos últimos dias e a salvação eterna e exaltação deste povo está na obediência aos conselhos do sacerdócio de Deus. Cantamos "Graças damos,

ó Deus, por um profeta que nos guia no tempo atual" (*Hinos*, 1991, nº 9). Que sempre o sigamos.

Se tentarmos com fé, oração e determinação, poderemos realizar um grande bem, particularmente por nossa própria alma.

Que estejamos dispostos e sejamos obedientes. Que comamos do bem desta terra. Confiemos no Pai Celestial e sigamos em frente com o coração animado e humilde, para sermos dignos de Suas bênçãos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Se obedecermos aos mandamentos de Deus, Ele abrirá o caminho para nós.
2. Nem sempre é fácil ser obediente ao Senhor.
3. Às vezes, a designação que evitamos é aquela que nos dará uma grande bênção.
4. Nossa felicidade, paz, progresso, posteridade e exaltação está na obediência aos conselhos do sacerdócio de Deus.

Quando o orgulhoso Naamã finalmente obedeceu ao profeta Eliseu e mergulhou no Rio Jordão, sua carne ferida pela lepra tornou-se "como a carne de um menino, e ficou purificado". (II Reis 5:14)



JOSEPH SMITH — VERDADEIRAMENTE UM PROFETA

Presidente Gordon B. Hinckley

Certo dia, um conhecido disse-me: “Admiro muito sua igreja. Acho que poderia aceitar tudo que diz respeito a ela, exceto Joseph Smith”. Respondi: “Essa afirmação é contraditória. Se aceita a revelação, deve aceitar o revelador”.

É um mistério para mim o modo como certas pessoas falam com admiração do trabalho da Igreja enquanto, ao mesmo tempo, desdenham aquele por meio de quem foi revelada a estrutura de tudo o que a Igreja é, ensina e defende. Eles colheriam o fruto da árvore ao mesmo tempo que cortariam sua raiz.

Cento e cinqüenta e um anos se passaram desde o martírio de Joseph Smith e a história presta testemunho da influência desse notável profeta dos últimos dias.

O assim chamado código de saúde mórmon, amplamente louvado nestes dias de pesquisas sobre câncer e doenças cardíacas, é, na verdade, uma revelação do Senhor dada a Joseph Smith em 1833, denominada “Palavra de Sabedoria” (D&C 89:1). De forma alguma essa revelação poderia ter saído da literatura dietética da época ou da mente do homem que a anunciou. Hoje, em termos de pesquisa médica, ela é um milagre cuja prática tem evitado incalculáveis sofrimentos e a morte prematura de dezenas de milhares de pessoas.

A pesquisa genealógica é, atualmente, um passatempo muito difundido. Pessoas do mundo inteiro visitam o que tem sido descrito como a casa do tesouro Mórmon, que guarda dados de história da família. Esse extraordinário programa da Igreja, entretanto, não é fruto de um

passatempo; é uma extensão dos ensinamentos de Joseph Smith, o profeta dos últimos dias. Ele declarou que não podemos ser salvos sem nossos antepassados, aqueles que não tinham conhecimento do evangelho e não puderam cumprir seus requisitos nem usufruir suas oportunidades.

A notável organização da Igreja, que tem recebido muita atenção, foi estruturada por Joseph Smith de acordo com as orientações que recebeu por revelação. Nessa organização, nenhuma mudança ou adaptação é cogitada sem que se examinem as revelações transmitidas pelo Profeta.

O programa de bem-estar, que alguns tendem a citar como sendo de origem recente, baseia-se estritamente em princípios enunciados por Joseph Smith nos primórdios da Igreja. O mesmo acontece com o programa de noite familiar, que nada mais é que uma extensão da primeira revelação a respeito da responsabilidade dos pais de criarem seus filhos em “luz e verdade” (D&C 93:40).

Há não muito tempo, numa viagem de avião, conversei com um jovem sentado ao meu lado. Passamos por vários assuntos e chegamos à religião. Contou-me que lera bastante a respeito dos mórmons, que encontrara muita coisa admirável, mas que tinha um preconceito definido com relação à origem da Igreja e, particularmente, a Joseph Smith.

Ele era membro ativo de outra religião e quando lhe perguntei onde conseguira os dados sobre a igreja SUD, disse-me que vinham de publicações de sua igreja. Perguntei-lhe para que empresa trabalhava. Com





ILUSTRADO POR DALE KIBOURN

orgulho, respondeu que era um representante de vendas da IBM. Perguntei-lhe, então, se achava justo que seus clientes fossem instruídos a respeito da qualidade dos produtos IBM por um representante da XEROX. Com um sorriso, ele respondeu: "Acho que entendi".

Peguei em minha pasta um exemplar de Doutrina e Convênios e li para ele as palavras do Senhor expressas por meio de Joseph Smith, palavras que são a fonte daquelas práticas que meu amigo viera a admirar enquanto menosprezava o homem por meio de quem haviam sido reveladas. Antes de nos separarmos, concordei em ler os livros que eu lhe mandaria. Prometi-lhe que, se fizesse isso em espírito de oração, conheceria a verdade não só a respeito daquelas doutrinas e práticas pelas quais se interessara, mas também a respeito do homem por meio de quem elas foram apresentadas. Prestei-lhe, então, testemunho concernente ao chamado profético de Joseph Smith.

Não adoramos o Profeta. Adoramos a Deus, nosso Pai Eterno e ao Senhor ressuscitado, Jesus Cristo. Reverenciamos, porém, Joseph Smith como instrumento nas mãos do Todo-Poderoso, como restaurador das antigas verdades do evangelho divino e do sacerdócio na Terra, por meio do qual a autoridade de Deus é exercida.

A história da vida de Joseph é a história de um milagre. Ele nasceu pobre, criou-se em meio a adversidade, foi expulso de vários lugares, acusado falsamente, ilegalmente posto na prisão e assassinado quando tinha 38 anos de idade.

Apesar de tudo, no curto espaço de 20 anos, realizou mais do que qualquer pessoa já realizou em uma vida inteira. Traduziu e publicou o Livro de Mórmon, um volume de 531 páginas que já foi, desde aquela época, retraduzido para 38 línguas e teve partes traduzidas para outras 48, e que é aceito por milhões de pessoas em todo o mundo como sendo a palavra de Deus. As revelações que recebeu e outros escritos que produziu são, da mesma forma, escrituras. O número total de páginas desses livros constituem o equivalente a quase o Velho Testamento inteiro; e tudo isso se fez por meio de um único homem, no espaço de poucos anos.

Nesse mesmo período, fundou uma organização que por mais de um século e meio tem resistido a todos os infortúnios e desafios e que hoje é tão eficaz no governo de nove milhões de membros como o era 160 anos atrás no governo de três mil. Existem céticos que se esforçam para justificar essa notável organização como produto dos tempos em que Joseph Smith viveu. Aquela organização, eu alego, era tão única e notável naquela época quanto o é hoje. Não foi um produto dos tempos; surgiu como revelação de Deus.

A visão de Joseph Smith da natureza imortal do homem abrangeu desde uma existência anterior ao nascimento até as eternidades além da sepultura. Ele ensinou que todos os homens se tornarão beneficiários da Ressurreição por meio do sacrifício expiatório do Salvador. Além desse dom, contudo, está o requisito de obediência aos princípios do evangelho e a promessa de

uma conseqüente felicidade nesta vida e exaltação na vida vindoura.

Tampouco o evangelho que ele pregou teve aplicação restrita aos da sua geração e das gerações futuras. O intelecto de Joseph Smith, instruído pelo Deus do céu, abrangeu toda a humanidade de todas as gerações. Nos vinte anos anteriores a sua morte, Joseph pôs em andamento um programa para levar o evangelho às nações da Terra. Assombro-me diante da audácia com que ele agia. Mesmo nos primeiros dias da Igreja, em tempos de dura adversidade, chamavam-se homens para deixar lar e família, cruzar o oceano e proclamar a restauração do evangelho. Sua visão abrangeu toda a Terra.

Venham à Praça do Templo durante as conferências gerais da Igreja e verão pessoas das Américas do Norte, Central e do Sul; da Ilhas Britânicas e da África; da Europa; do Pacífico e das antigas terras da Ásia. Eles vêm de perto e de longe. São o cumprimento da visão de Joseph Smith, o profeta de Deus. Ele viu estes dias e dias futuros, que serão maiores por causa da difusão da obra do Senhor na Terra.

Este florescimento hoje surpreenderia aqueles homens que, com os rostos pintados, covardemente atacaram e mataram o profeta naquele dia abafado de junho de 1844. Surpreenderia também o governador Thomas Ford, que havia garantido proteção ao Profeta mas que o deixou à mercê da turba. Esse mesmo Thomas Ford concluiu, em sua história, que Joseph Smith "jamais poderia ter êxito no estabelecimento de um sistema de noímas que tivesse sucesso permanente no futuro". [Thomas Ford, *A History of Illinois . . .* (Uma História de Illinois . . .), citado por B. H. Roberts em *Comprehensive History of the Church* (História Resumida da Igreja), 2:347.] Thomas Ford hoje jaz em Peoria, Illinois, quase

totalmente esquecido, enquanto o homem que ele considerou um fracasso é lembrado em toda a Terra.

Quando eu tinha 12 anos de idade, meu pai levou-me a uma reunião do sacerdócio da estaca em que vivíamos. Sentei-me na última fila e ele, como presidente da estaca, sentou-se na tribuna. Na abertura da reunião, a primeira daquele gênero que presenciei, trezentos ou quatrocentos homens levantaram-se. Vinham de ambientes diversos e tinham diferentes vocações, mas todos traziam no peito a mesma convicção com que juntos cantaram estas grandes palavras:

*Hoje ao profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz!
É grande a glória do seu nome eterno
Todas as chaves do reino terá.
E na mansão celestial para sempre,
Entre profetas nomeado será!
(Hinos, 1991, nº 14)*

Algo aconteceu comigo ao ouvir o canto daqueles homens. Nasceu no coração o conhecimento, posto ali pelo Espírito, de que Joseph Smith era realmente um profeta de Deus. Nos muitos anos que se passaram desde aquela época, anos em que li muitas de suas palavras e obras, essa certeza cresceu e fortaleceu-se.

*É grande a glória do seu nome eterno
Todas as chaves do reino terá.
E na mansão celestial para sempre,
Entre profetas nomeado será!
(Hinos, 1991, nº 14) □*

M U R R O S D E

Richard M. Romney

FOTOGRAFIA DO AUTOR



Muros, cercas, barreiras. Infelizmente, muitos de nós parecemos construí-los de uma forma ou de outra. Com medo de nos machucarmos, levantamos barras de ferro para nos proteger. Com medo de que as pessoas riam de nós, construímos uma barricada que ninguém consiga transpor. O pior, talvez, seja o muro da intolerância, feito com os tijolos da ignorância assentados com a argamassa do medo. A compreensão surge somente quando essas barreiras são demolidas. Amor e paz apa-

Em contraste com a terra de ninguém que separa as partes divergentes de Belfast, acima à esquerda, Debbie Sloan (centro) desfruta calorosa amizade entre seus colegas de classe católicos e protestantes na Faculdade Integrada Hazelwood.



R R U B A D O S

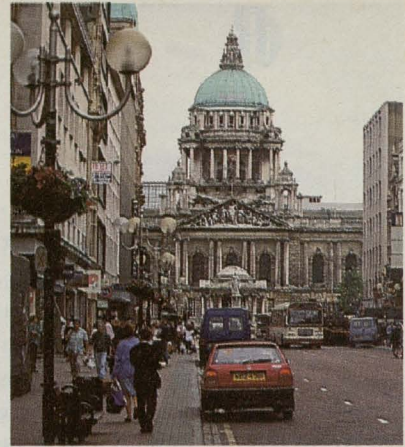
recem somente quando, tijolo por tijolo, esses muros são derrubados.

Os jovens santos dos últimos dias da Estaca Belfast Irlanda do Norte sabem muito sobre muros. Num país abalado durante séculos por tumultos e terrorismo, eles estão na posição delicada de *não* pertencerem a *qualquer* das partes do conflito religioso e político entre católicos

e protestantes. Contudo, enfrentam as barreiras, do mesmo jeito. Vejam o que dizem três moças da Ala Cavehill:

Sharon Goodall conta algo que comumente acontece: "Meus colegas de escola sempre querem saber se sou católica ou protestante. Digo-lhes que sou mórmon. 'Tudo bem', dizem eles, 'mórmon católica ou mórmon





À esquerda, Élder Tomkinson e Élder Broadway com Sandra e Claire Hoey e seus irmãos menores, da Ala Portadown. À direita, a cidade de Belfast. Na página oposta, Debra Boyd conhece a alegria de trazer a família de uma amiga para a Igreja.

protestante?’ Para quem está de fora, parece piada. Tentamos fazer amizade com todos, mas há constante pressão para que se escolha um lado”.

Debra Boyd explica que muitas pessoas fora da Irlanda do Norte não sabem verdadeiramente como é viver aqui. “É raro vermos algo como a explosão de uma bomba. Vivo aqui desde que nasci e até agora não vi qualquer explosão. A vida é normal, apesar de termos controle de segurança nos ônibus públicos e, às vezes, um engarrafamento no trânsito por causa de algum incidente. Mas isso é mais uma inconveniência do que uma ameaça à vida”.

Junto com outros seis santos dos últimos dias, Debra freqüenta, em Belfast, a Faculdade Integrada Hazelwood, uma escola onde o corpo estudantil é aproximadamente 50% católico e 50% protestante. Ela conta: “Sou relativamente nova na escola e no início os outros estudantes diziam: ‘Oh, ela é um daqueles mórmons loucos’, e caçoavam de mim. Agora, porém, querem saber por que não tomo chá nem café. Parecem interessados nisso”.

Debbie Sloan, que vai à mesma escola, é popular entre seus colegas de classe. “A meta de uma escola integrada é ajudar os alunos a viver bem uns com os outros apesar das diferenças”, explica ela. “Eles sabem que sou mórmon. Meus amigos mais próximos sabem que meu pai é bispo e que passamos longos períodos em nossa igreja. Falo a respeito dela do jeito que é e eles

aceitam-me do jeito que sou”.

Claire e Sandra Hoey, de Craigavon são membros da Ala Portadown. Elas falam a respeito dos muros que a família derrubou com a ajuda dos missionários.

“Fazia tempo que os missionários visitavam nossos pais”, diz Sandra, “mas eu nunca lhes dava muita atenção. Então, uma noite, estava no andar de cima da casa e comecei a ouvir. Fiquei interessada no que eles estavam dizendo. Decidi que era hora de saber de que se tratava.”

As palestras tornaram-se cada vez mais sérias. Os pais foram batizados. Um irmão mais velho também. Depois Sandra, depois Claire.

Após os batismos, uma amiga “percebeu que desde que me filiar a Igreja, eu era mais feliz”, conta Claire. “Ela quis descobrir o que estava acontecendo comigo”. Agora sua amiga está recebendo as palestras na casa da família Hoey. “Lembro-me de quando fazia as mesmas perguntas e orava para resolver as mesmas dúvidas”, diz Claire. “É uma ajuda quando posso dizer-lhe que passei pelas mesmas coisas e obtive meu próprio testemunho”.

Na Ala Lisburn, Rachael Edwards, Karen Edwards e David Schmidt dizem que envolver-se totalmente com o seminário também ajuda a derrubar barreiras.

“Antes de eu começar o seminário e poder explicar a meus amigos qual era minha religião, faziam-me muitas perguntas que eu não conseguia responder direito”, diz

Rachael. “Agora, cursando o seminário, sinto-me mais confiante sempre que converso com as pessoas sobre a Igreja.”

“Há 13 alunos em nossa classe do seminário”, conta Karen. “É a maior classe da Irlanda. Fazemos seminário do lar e depois nos reunimos com nossa professora, irmã Susanna Thompson, às terças-feiras à noite. Na escola, todos têm aula do que chamamos E.R. (educação religiosa). As aulas de E.R. ajudam-me no seminário e o seminário ajuda-me a ter um ponto de vista diferente, mais profundo, do que o que recebemos na escola. Assim, eles se equilibram.”

“Há muitos vídeos e literatura anti-mórmon circulando nas outras igrejas”, diz Karen. “É difícil, porque eles obtêm informações muito distorcidas, o que exige que comecem pelas coisas básicas.”

“Muitos amigos meus pensavam que não líamos a Bíblia”, diz Rachael. “Por isso, fiquei muito feliz quando pude mostrar-lhes minhas escrituras do seminário. Eles pensam que só a igreja deles estuda a Bíblia. Ficam surpresos quando descobrem que nós mórmons também nos organizamos em classes de estudo.”

“Mudamos o ponto de vista das pessoas”, diz David. “Uma vez, meu professor me disse: ‘Então, você é

mórmon. Isso significa que não é totalmente cristão . . . ? E eu lhe respondi: ‘Bem, na verdade sou’. Conversamos sobre o assunto e esclarecemos tudo.”

David também conta que convida amigos e







À esquerda: Jovens da ala Cavehill (a partir da esquerda): David Lowry, Sharon Goodall, Debra Boyd, Michael Sloan, Nichola Henry e Debbie Sloan. Acima, à esquerda: A aluna do seminário da Ala Lisburn, Karen Edwards, com sua professora, Irmã Thompson. Acima, à direita: Os jovens da Ala Holywood Road apresentam uma peça sobre o plano de salvação para ajudar seus amigos não membros a entenderem os princípios do evangelho.

familiares para as reuniões. “No ano passado, quando minha família foi batizada, minha mãe convidou nossa avó e nossas tias para irem à igreja. Elas aceitaram o convite e disseram que gostaram muito. Acharam interessante não termos apenas clero, mas todo tipo de pessoa prestando testemunho. E meus amigos gostam de nossa igreja”.

Rachael, Karen e David contam história após história—o professor que pediu a planta de uma capela SUD para comparar com as de outras igrejas, e os exames em que os mórmons tiveram que explicar que são batizados *dentro* de uma pia, o que, em outras igrejas, é uma pequena bacia contendo água para borrifar-se.

Mas é Karen quem resume toda a história. “Há muita oposição aqui”, diz ela. “Mas, se os tornarmos conscientes da existência da Igreja, talvez no final a entendam, e isso só poderá fazer bem”.

Conversem com os jovens santos dos últimos dias da Irlanda do Norte por tempo suficiente e descobrirão que eles estão fazendo o que Karen disse.

Sara Magee, de Portadown, fala sobre padrões: “Quando alguém me oferece um cigarro ou bebida, a maioria de meu amigos diz: ‘Não, Sara, você não pode’”. Karen Weir, de Portadown, diz como a reabertura do Templo de Londres e a construção do Templo de Preston instigou a curiosidade de muitas pessoas a respeito da Igreja. Simon Noble, da Ala de Holywood Road, conta

sobre uma peça teatral da estaca que foi também uma obra missionária: “Foi uma peça sobre o plano de salvação e convidamos amigos não-mórmons para que vissem em que acreditamos”, diz Simon.

Debra Boyd, da Ala Cavehill, entra de novo na conversa para falar de seu bispo, Ronald Sloan, e como ele a tem ajudado a ver que um bispo pode ser um grande aliado quando se quer viver uma vida digna. Debra conta da alegria que sentiu quando viu a amiga Leigh-Ann Kelly ser batizada junto com toda a família. “Choramos muito”, conta Debra. “Aquela escritura que fala sobre trazer uma alma para o céu . . . conhece? É verdadeira mesmo!” (Ver D&C 18:15–16.)

Pelo centro de Belfast passa uma grossa cicatriz, uma terra de ninguém tão feia quanto uma zona de guerra. As barras de ferro vermelhas, os tijolos, o arame farpado e as barricadas amarelas marcam a linha divisória entre duas partes da cidade. Para muitos, é o símbolo de uma situação sem esperança; suas barreiras, um monumento de desconfiança e incompreensão.

Os jovens santos dos últimos dias, porém, não vêem essa situação com desespero. Eles esperam o dia em que o Salvador virá, quando todo joelho dobrará e toda língua confessará que Ele é o Senhor, a quem pertence o direito de reinar. Nesse dia, se não antes, todas as barreiras serão derrubadas e, quando isso acontecer, serão substituídas por esperança, amor, paz e compreensão. □

O Pai e a Família

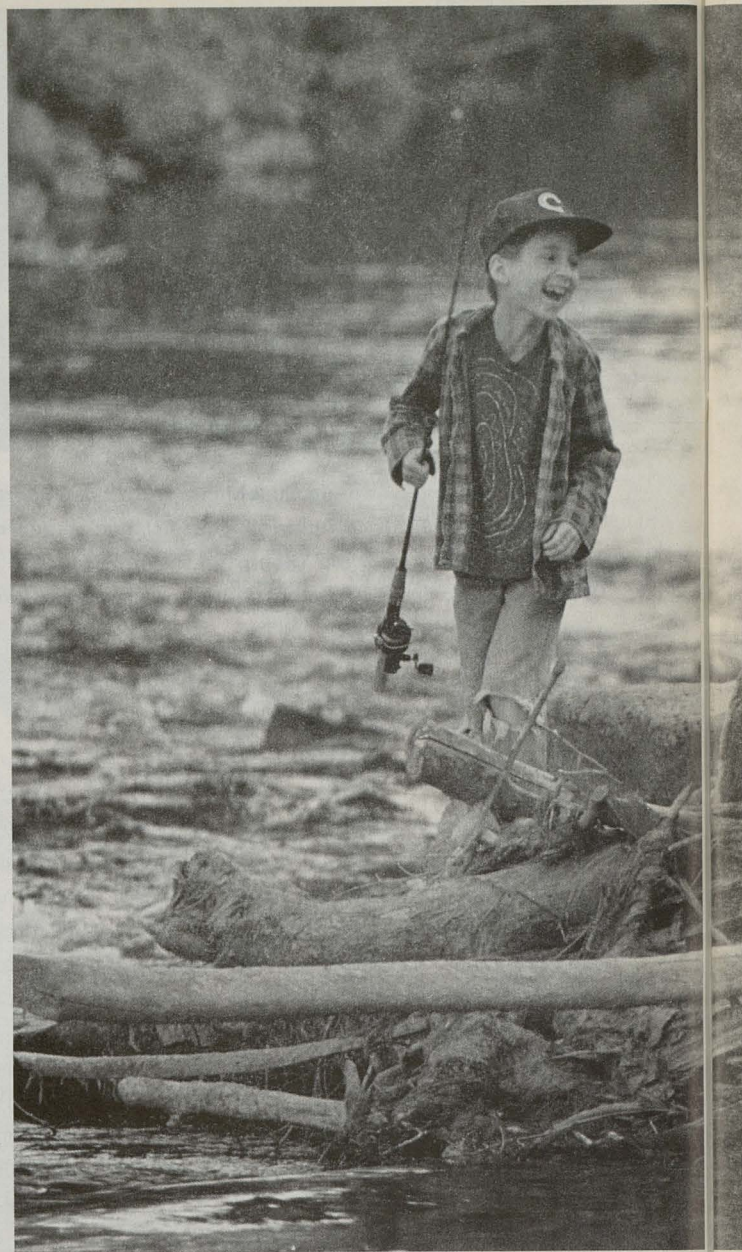
Susan Zimmerman

Em nossa família, o pai trabalha bastante. Além do trabalho do dia a dia, ele devota muitas horas a seu chamado na Igreja, faz consertos na casa e no carro, troca fraldas e está sempre envolvido com muitas outras atividades. Mas será que ele tem tempo para divertir-se?

Quando volta para casa, as crianças logo gritam: "Papai chegou! Papai chegou!" Ele entra, abraça os filhos e dá um beijo na esposa, mas freqüentemente senta-se em uma poltrona, cansado demais para levantar-se novamente. Ao percebermos que o horário apertado de nosso pai lhe dava cada vez menos tempo e energia para atividades com a família, pensamos em maneiras para contornar o problema. As seguintes sugestões ajudam nossa família a permanecer próxima dele. Algumas das idéias também se aplicam a famílias com só um dos pais.

Passa algum tempo com cada um dos filhos. Em nosso lar, é sempre mais fácil prometer-se fazer algo mais tarde do que imediatamente. Em lugar de fazer a promessa de uma atividade, e depois não cumpri-la, papai separa algum tempo na semana para cada um dos filhos. Desse modo, mesmo que uma atividade tenha que ser alterada posteriormente, nosso pai passa o tempo prometido com o filho. Por exemplo: caso ele receba um pedido do quórum de élderes para ajudar com a mudança de uma família na ala, ele simplesmente leva o filho junto. Pode não ser uma atividade específica para crianças, mas ainda assim é divertido. Talvez eles parem no caminho para comer e beber alguma coisa e quando for a hora de descansar, vão a uma praça e distraem-se um pouco. Quer seja para trabalhar ou brincar, estar com nosso pai já é, em si, muito bom.

Diminua o tempo gasto diante da televisão. Descobrimos que ver televisão, apesar de divertido, não constitui entretenimento de muito boa qualidade para a família. Decidimos não ver televisão no período compreendido entre o momento em que nosso pai chega em casa até a



hora em que as crianças vão dormir. Depois de nos acostumarmos a não ligar a televisão, surpreendemo-nos com a qualidade de nosso relacionamento familiar. Passamos a nos comunicar melhor e a nos sentir mais próximos uns dos outros.

Planeje atividades inesperadas. Se nosso pai está cansado quando chega em casa e joga-se na poltrona não se levantando mais até a hora do jantar, sabemos que está na hora de planejarmos uma atividade surpresa. Adoramos raptá-lo assim que sai do trabalho ou que chega na porta de casa e levá-lo para um passeio em família. Nossa atividade é algo simples, como por exemplo, ir a um parque ou jantar ao ar livre. Às vezes fazemos alguns sanduíches,



FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

compramos uns pacotes de batatas fritas, raptamos nosso pai e vamos até um local próximo que nos agrada. Apesar de não serem sofisticadas, nossas atividades são sempre divertidas e espontâneas — e ele adora ser o centro das atenções em nossos raptos.

Tire algum tempo durante o dia. Alguns pais talvez trabalhem no período noturno e tenham compromissos que tornem difícil estar com a família durante a noite. Nesse caso, o pai pode passar algum tempo com os filhos durante o dia. Depois de combinar com a escola dos filhos, o pai apanha um dos filhos na hora do recreio para fazer um lanche com ele. Num dia em que seja feriado escolar, um dos filhos passa algumas horas com o pai no

trabalho de modo que, quando o pai precisar descansar ou ficar sozinho em casa durante algum tempo, os filhos compreendam melhor por que as pessoas ficam cansadas ao trabalharem o dia inteiro.

A despeito do que o pai faça no trabalho, na Igreja ou em seus momentos de lazer, ser pai é uma ocupação de tempo integral. Planejando, com criatividade, maneiras pelas quais a família despenda algum tempo junta e também porque com pai planejando passar algumas horas com os familiares individualmente, passamos a nos conhecer melhor. E aprendemos melhor a amar e ser gratos uns pelos outros devido a termos que, frequentemente, fazer algum sacrifício para estar juntos. □

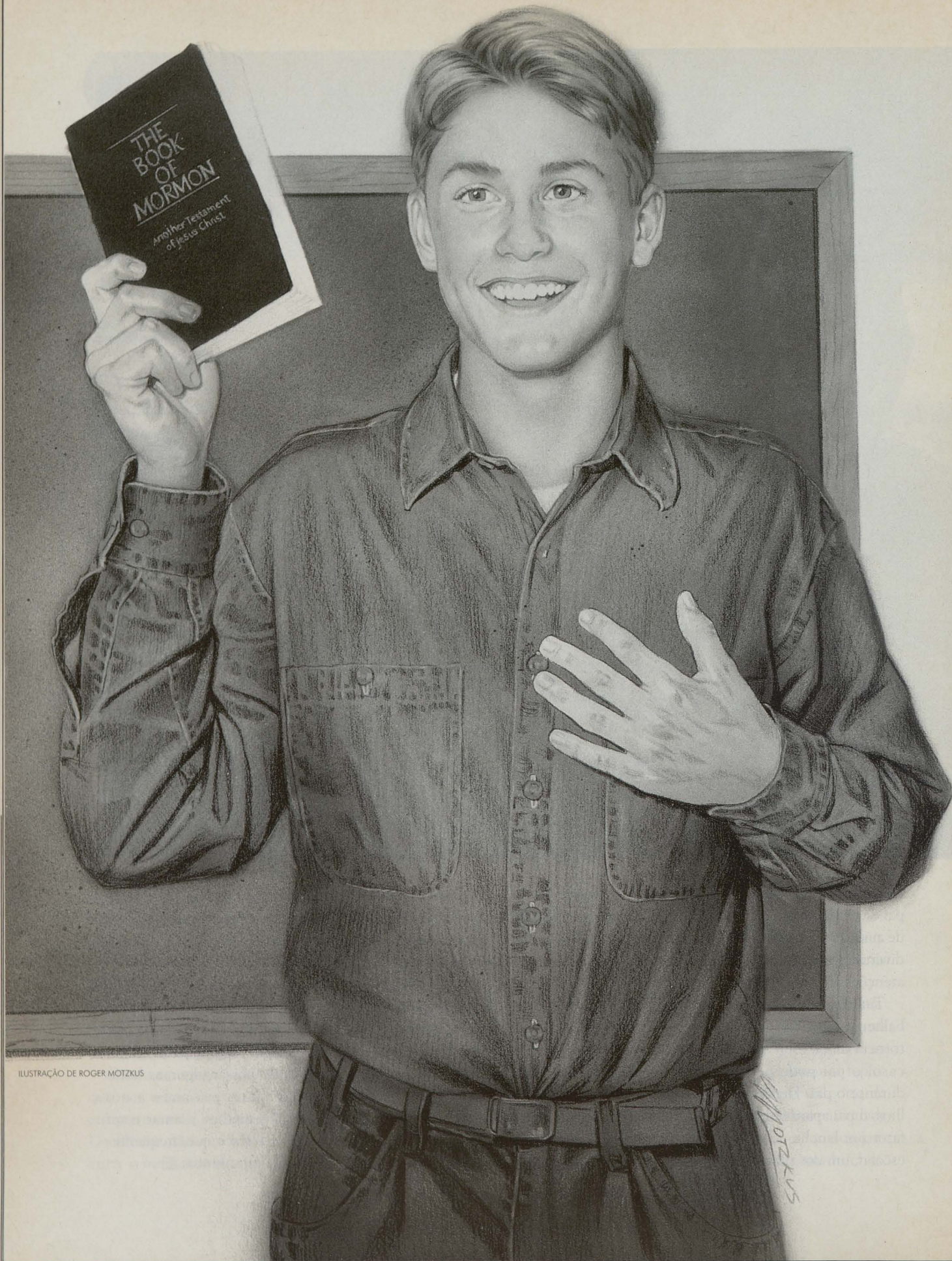


ILUSTRAÇÃO DE ROGER MOTZKUS

MOTZKUS

QUEM SOU EU?

Derek Tucker

“Na próxima quarta-feira, tragam alguma coisa para a aula que represente quem são vocês”, disse a professora. Era a primeira tarefa da aula de inglês de meu segundo ano da escola secundária. “*E se eu não souber quem eu sou?*” pensei eu.

Acabara de mudar-me para Seattle, no Estado de Washington e era a primeira semana de aulas numa escola nova para mim. Nem os professores nem os colegas me conheciam. Era uma excelente oportunidade para me redefinir—tanto para mim mesmo como para os outros.

Quando as pessoas descobriam que eu me mudara de Utah, freqüentemente perguntavam se eu era mórmon. Respondia de maneira diferente a cada vez: “Não sei.” “Fui batizado, mas não vou à Igreja.” “Não, mas deveria ser.”

Por alguma razão, sentia uma responsabilidade para com Deus por ser um santo dos últimos dias. Isso não fazia muito sentido pois eu não acreditava muito em Deus. Ainda assim, dentro de meu coração, havia o desejo de viver de modo significativo. Queria causar impacto e saber que minha vida não era em vão.

Minha irmã mais velha, Lark, era a única da família ativa na Igreja. Ela e Tim, seu marido, haviam-me convidado para ir às reuniões em sua ala, que ficava bem próxima. Era algo que ela desejava que eu fizesse, e eu, de algum modo, sabia que deveria fazer. Foi assim que decidi ir.

Minha vida oscilava e a necessidade de resolver quem eu era pairava sobre mim, enquanto tentava decidir qual objeto verdadeiramente me representava para que eu o levasse para a aula.

Desnecessário dizer, na segunda-feira eu ainda não havia tomado qualquer decisão a respeito do objeto. Nem havia decidido coisa alguma na terça-feira à noite quando minha irmã me levou à reunião da Mutual em sua ala. A caminho da capela, ela deu algumas sugestões, mas nenhuma me agradou.

As atividades da Mutual para aquela noite haviam sido mantidas em segredo, de modo que eu estava curioso ao entrar no salão cultural. Numa primeira olhada, parecia haver mesas postas para o jantar. Ao olhar mais atentamente, percebi que não havia comida sobre as mesas. Ao invés de pratos de comida, havia exemplares do Livro de Mórmon. Ao invés de talheres, havia canetas. Ao invés de guardanapos, havia folhas de papel. Ao sentar-me, minha atenção estava concentrada na charada que havia sido colocada diante de mim.

Dois missionários eram os oradores principais. Ambos prestaram testemunho de como haviam aprendido que o Livro de Mórmon era, realmente, a palavra de Deus.

Ao assistirmos a um vídeo que narrava a visita de Cristo ressuscitado aos nefitas e lamanitas justos, um sentimento inacreditável apoderou-se de mim. O modo em que Néfi fala sobre aquela situação é uma descrição adequada de como me senti: “(. . .) não era uma voz áspera nem forte; entretanto, apesar de ser uma voz mansa, penetrava-lhes até o âmago, de modo que não havia parte de seu corpo que não tremesse; sim, penetrou-lhes na própria alma e fez-lhes arder o coração”. (3 Néfi 11:3) Um testemunho da veracidade do Livro de Mórmon penetrou em minha alma naquela noite, marcando-me para a eternidade.

A caminho de casa com Lark e Tim, comecei a pensar nos deveres escolares para o dia seguinte. Primeira aula, álgebra, o dever estava feito. Segunda aula (. . .) Sexta aula, inglês. Foi aí que me lembrei (. . .). Que objeto me representaria melhor?

Numa voz mansa e suave, o Espírito sussurrou: “O Livro de Mórmon”. Imediatamente percebi que não eram os ouvidos físicos que ouviam. Foi esta a primeira vez em que senti o Espírito de modo tão claro e preciso.

“Ótimo!” disse eu em voz alta com entusiasmo.

“O que foi?” disse Lark enquanto olhava por cima dos ombros.

Com reverente admiração, expliquei-lhe: “Acho que vou levar o Livro de Mórmon para minha aula de inglês como sendo o objeto que me representa.”

Ela sorriu alegre e disse: “Parece-me ótimo, mas será muito difícil.”

Essa conclusão diminuiu consideravelmente meu entusiasmo. Estaria eu abrindo mão de ser aceito pelos colegas e de fazer amigos na escola? Sentindo minha hesitação, Lark sugeriu-me que orasse antes de dormir.

Naquela noite, coloquei o Livro de Mórmon junto com meu material escolar. A seguir, ajoelhei-me e orei: “Querido Pai Celestial, o Senhor tem certeza de que é isso que devo fazer?” Imediatamente senti a resposta positiva, acompanhada pela confirmação do Espírito. A seguir, pedi: “Será que o Senhor pode me ajudar?” Outra sensação forte acalmou-me os nervos. Tranqüilo, fui dormir.

À medida que se aproximava o horário da aula de inglês, eu ficava mais inseguro. A professora deu as instruções à turma: Deveríamos dizer nosso nome, qual objeto havíamos trazido e por que ele nos representava. Os primeiros dois requisitos eram fáceis, mas por alguma razão, eu não havia pensado o que dizer quanto ao terceiro. Eu sabia qual era o objeto que me representava, mas não sabia o porquê.

Ao voltar para meu lugar, vi lágrimas escorrendo pelo rosto da professora.

Ela sussurrou emocionada: “Foi um testemunho bastante forte”.





Quando a professora pediu voluntários, uma aluna que se sentava na primeira fila levantou-se e falou a respeito de seu objeto. A seguir, a outra aluna que estava a seu lado, levantou-se e falou. Foi assim que se desenvolveu uma seqüência de voluntários. Eu seria o último a falar.

Quando chegou minha vez, levantei-me e caminhei vagarosamente para a frente da sala. Eu não havia preparado um discurso escrito e nem mesmo pensara no que iria falar. Comecei dizendo: "Meu nome é Derek Tucker e esse é o objeto que me representa. É o Livro de Mórmon." Daquele momento em diante, e até o final, senti o Espírito inspirando as palavras. Até o dia de hoje, não sei bem o que disse.

Ao terminar, preparei-me para muitas perguntas hostis. Para minha surpresa e gratidão, um silêncio abateu-se sobre a turma. O que mais me surpreendeu, entretanto, foram as expressões nos rostos dos alunos. Mais ou menos um terço dos alunos tinham lágrimas nos olhos. Outros demonstravam impassividade. E os demais pareciam nervosos e desviavam o olhar. Apesar de nem todos sentirem-se à vontade com o assunto, parecia existir uma atmosfera de respeito.

Ao voltar para meu lugar, vi lágrimas escorrendo pelo rosto da professora. Ela sussurrou emocionada: "Foi um testemunho bastante forte". Fiquei surpreso; o tempo parecia ter parado enquanto a frase penetrava em meu coração. Agradei-lhe e retornei a minha carteira.

Colocara minha confiança no Senhor e Ele me ajudara. Sabia agora quem eu era—um filho precioso do Pai Celestial. E sabia que ao servi-Lo, minha vida teria significado e valor. □

A Professora do Grão de Mostarda

Janet Schiller

J á se haviam passado doze anos desde que deixara minha amada Califórnia e minha ala para casar-me novamente. Com a ajuda do Senhor, eu havia lentamente traçado e atingido novos objetivos. Desejava, porém, visitar amigos queridos que partilharam comigo as alegrias e os desafios de viver em uma área onde os membros da Igreja são minoria.

“Algumas vezes não é bom voltar ao passado”, disseram alguns em minha família. No entanto, fiz a viagem. Fiquei maravilhada ao ver que, em minha antiga casa, as sementinhas plantadas anos atrás eram agora frondosas árvores que projetavam sombra sobre o terreno e a casa. Emocionada, deixei o local e segui pela rua. Antigas características do local

pareciam-me ligeiramente familiares. O que fazia eu lá?

Vi então a agulha da capela, e dirigi-me ao meu local favorito no estacionamento. Ainda sem saber bem o que procurava, comecei a sentir mais tranqüilidade ao caminhar pelos jardins da capela. Ao contornar uma cerca viva, dei com um rapaz que, abaixado, arrancava ervas daninhas. Ele se pôs de pé rapidamente e notei que seu cabelo acabara de ser cortado ao estilo missionário.

Quando pedi desculpas, ele me olhou de um modo estranho e disse: “Você não é a professora do grão de mostarda?”

Olhei para ele surpresa.

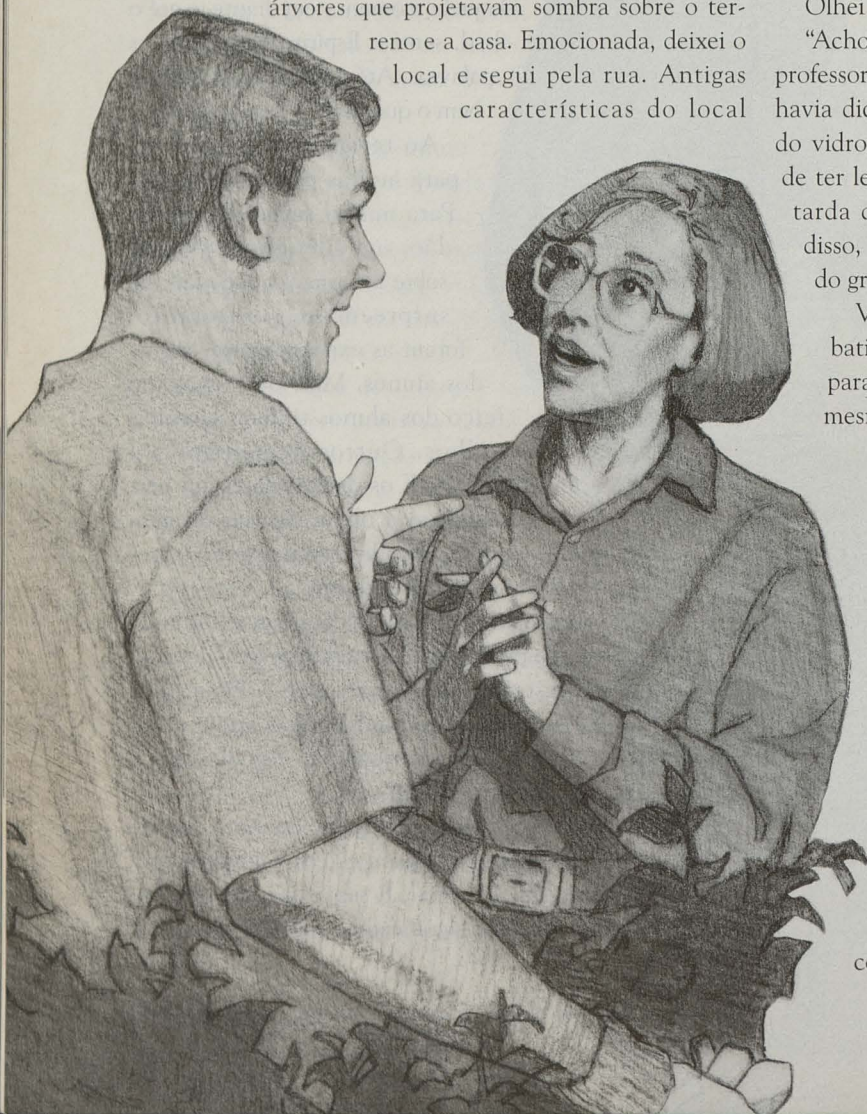
“Acho que é sim!” disse ele. “Você foi minha primeira professora na Primária. Adorava sua aula porque sempre havia dicas sobre a lição coladas na porta. A fotografia do vidro de mostarda era minha predileta. Lembro-me de ter levado para casa meu saquinho de grãos de mostarda depois de uma aula sobre a parábola. Depois disso, sempre me lembrei de você como a professora do grão de mostarda.”

Voltou-me a lembrança de uma mulher recém-batizada trazendo seu filho Chandler, de sete anos, para minha classe CTR na Primária. Aqui estava o mesmo menino, agora um rapaz.

“Suas lições fizeram-me ter a vontade de ser um bom santo dos últimos dias”, disse ele.

Fiquei emocionada ao saber que Chandler havia acabado de mandar seus papéis e aguardava seu chamado missionário. À medida que Chandler falava, percebi que seu testemunho era outra árvore que eu plantara e nutrira. Enquanto menino, o testemunho era ainda um embrião, talvez “menor que todas as sementes que há na terra”. (Marcos 4:31) Agora, a força de seu testemunho fizera dele uma árvore frondosa na vinha do Senhor.

Em silêncio, agradei ao Senhor, prometendo continuar a plantar sementes de fé e ter confiança em seu potencial e sua força. □



A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1995 • EDIÇÃO ESPECIAL



Presidente Gordon B. Hinckley

Mostrando Real Valor

Élder Jeffrey R. Holland

Do Quórum dos Doze

Na frente de uma grandiosa estátua do Profeta Joseph Smith no vestíbulo do belo Edifício do Memorial de Joseph Smith, há pouco reformado, Gordon Bitner Hinckley foi apresentado formalmente ao público e à imprensa, em 13 de março de 1995, como o décimo quinto Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quase ao final de uma entrevista cordial, muitas vezes espirituosa e sempre proveitosa, respondendo a uma grande variedade de perguntas, um repórter perguntou ao Presidente Hinckley: Em que concentrará sua gestão? “Qual será o tema de sua administração?”

Instintivamente o Presidente respondeu: “Avançar. Sim, nosso tema será continuar a grande obra realizada por nossos antecessores.”

Essa resposta simples—nítida, clara, sem premeditação, inspiradora—revela muito sobre nosso novo profeta, vidente e revelador. Avançar é uma expressão conhecida, tirada do texto de um hino escrito

por Ruth May Fox há 65 anos, um revigorante brado musical cheio de alegria e determinação. Sua primeira estrofe? “Constantes qual firmes montanhas!” Sua audaciosa declaração? “Mostrando real valor!” De que maneira? “[Fundados] na rocha do Salvador—Em defesa da honra e virtude, da fé no Eterno Deus (. . .) Avançar, avançar, avançar!” (*Hinos*, 1991, número 184).

Muitos hinos, da mesma forma que várias escrituras e sermões, poderiam ser citados para frisar e ressaltar as qualidades dos profetas de Deus. Mas talvez nenhum hino consiga melhor exprimir um pouco da essência do Presidente Gordon B. Hinckley do que esta exortação direta e otimista: Avançar!

Em primeiro lugar, o hino é jovem. Foi escrito para os jovens e é particularmente inspirador quando cantado por jovens. E, na opinião de todos os que conhecem o Presidente Hinckley—ou que precisam acompanhar seu ritmo—ninguém há que tenha 84 anos e seja tão jovem como



Acima: Gordon B. Hinckley, quando jovem portador do Sacerdócio Aarônico.

À direita: Como décimo quinto Presidente da Igreja, o Presidente Hinckley traz consigo um legado de devoção a Deus e amor ao próximo, que recebeu dos profetas antigos e modernos que o precederam.

A NÃO SER QUE INDICADO DE OUTRA FORMA, TODAS AS FOTOS SÃO CORTESIA DA FAMÍLIA HINCKLEY E DO DEPARTAMENTO HISTÓRICO DA IGREJA.



ele. A firmeza de seus passos, a leveza de seu espírito e sua fome de trabalho árduo seriam características admiráveis num homem com a metade da sua idade. O Presidente Gordon B. Hinckley parece jovem, age como jovem e ama os jovens, reconhecendo seu potencial e a promessa que representam.

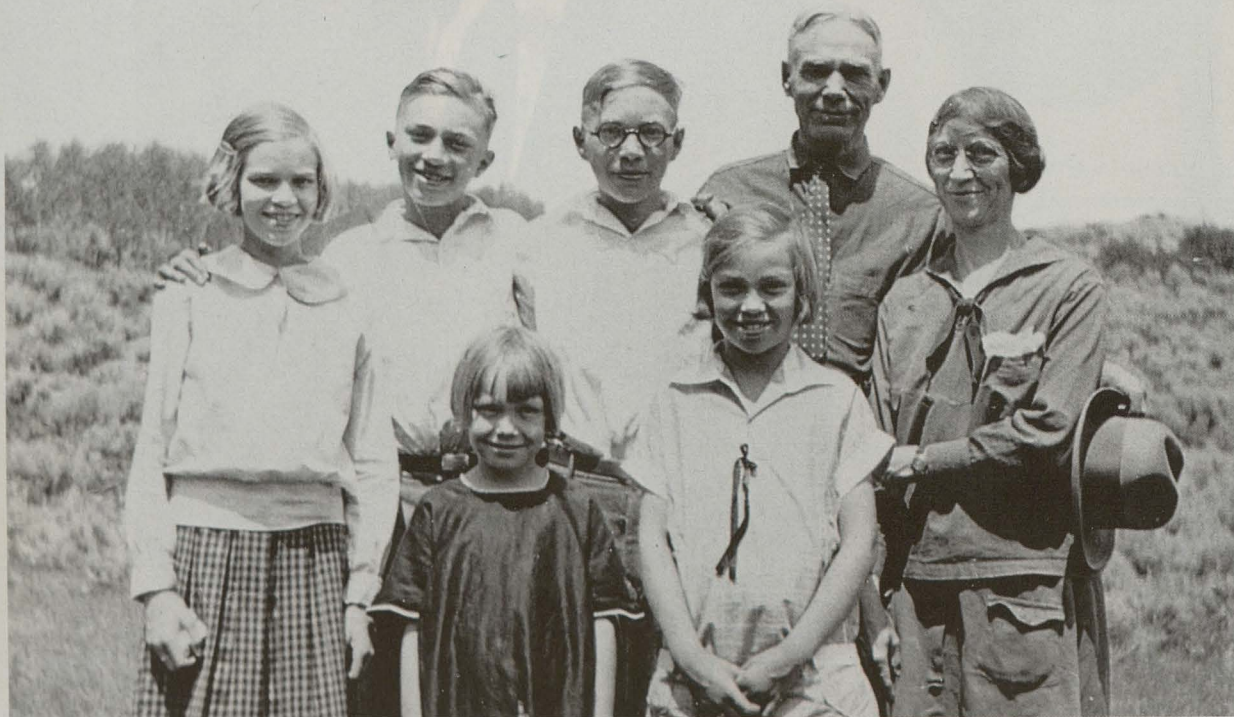
“Estamos particularmente orgulhosos de nossa juventude”, disse ele ao público em sua primeira e breve declaração. “Penso que jamais tivemos uma geração tão forte de rapazes e moças como temos hoje (. . .). Eles estão vivendo construtivamente

e progredindo intelectual e espiritualmente. Não temos qualquer receio ou dúvida quanto ao futuro desta obra.” (*Ensign*, abril de 1995, p. 5). O Presidente Hinckley ama os jovens porque, no fundo, é um deles—jamais tendo qualquer receio quanto ao futuro desta obra.

Numa entrevista em Nauvoo, Illinois, para nada menos que o jornal *New York Times*, o Presidente Hinckley disse: “Vejo muita gente boa em todos os lugares e há muita coisa boa dentro delas. O mundo é bom. Coisas maravilhosas estão acontecendo neste mundo. Esta é a

Abaixo: Certa ocasião na década de 20, Bryant S. e Ada Bitner Hinckley levaram os filhos para acampar, quando esta foto foi tirada. Gordon está atrás, o segundo a partir da esquerda. À direita: Gordon B. Hinckley (segundo a partir da direita) como missionário nas Ilhas Britânicas durante a Grande Depressão.

Abaixo, à direita: No Hyde Park, em Londres, o jovem missionário atraía a atenção com sua oratória vigorosa.





maior era da história da Terra.”

Qual é a fonte desse irreprimível otimismo? Origina-se no alicerce da fé que inspirou nossos antepassados, nesta igreja, a avançar. Na verdade, o *New York Times* recebeu, ao entrevistar o Presidente Hinckley, não só uma lição sobre a história SUD, mas também uma ampla visão do próprio significado da fé:

“Temos todas as razões para sermos otimistas neste mundo”, insistiu o Presidente Hinckley. “Somos cercados por tragédias, é verdade, e há problemas em toda parte. Mas olhem para Nauvoo. Observem o que eles construíram aqui em sete anos, partindo em seguida (. . .). Mas o que

eles fizeram? Deitaram-se esperando a morte? Não! Foram à luta! Percorreram metade deste continente e transformaram o solo de um deserto, fazendo-o florescer como a rosa. Sobre esse alicerce esta Igreja cresceu até tornar-se uma grande organização mundial, que influencia positivamente a vida dos habitantes de mais de 140 nações. Não se pode, não se consegue construir com pessimismo e cinismo. Olhando-se com otimismo e trabalhando-se com fé, as coisas acontecem.”

Tivesse consciência disso ou não, o repórter do *New York Times* estava diante de um homem notável—eloqüente, culto, cortês, confiante,





À esquerda: Durante mais de duas décadas, Gordon B. Hinckley trabalhou como produtor e secretário executivo do comitê que produzia todo o material missionário e de relações públicas da Igreja. **À direita:** Em meados da década de 1950, o Presidente Hinckley (extrema direita) serviu como primeiro conselheiro em uma presidência de estaca, e é mostrado aqui com o Presidente da Igreja, David O. McKay (centro), que visitou a estaca para falar aos rapazes do Sacerdócio Aarônico. **Abaixo:** Na propriedade da família, em East Millcreek, pouco depois de sua missão.

ativo e sempre cheio de fé em Deus e no futuro.

“As coisas vão dar certo” pode muito bem ser a afirmação mais repetida pelo Presidente Hinckley aos familiares, amigos e conhecidos. “Continue tentando”, ele diz. “Acredite.” “Seja feliz.” “Não desanime.” “As coisas vão dar certo.”

O Primeiro Conselheiro, Thomas S. Monson, cuja amizade com o Presidente Hinckley já dura mais de 45 anos, muito antes de qualquer dos dois ser Autoridade Geral, e continua inquebrantável, diz: “O Presidente Hinckley é um profeta de visão aguçada, enorme capacidade de trabalho e uma fé inabalável no Senhor Jesus Cristo. Tudo isso se combina com uma mente clara e alerta e um coração muito terno. A Igreja e, com efeito, todo o mundo serão abençoados por suas grandes qualidades de liderança”.

O novo Segundo Conselheiro e amigo há 40 anos, James E. Faust,

que conheceu o Presidente Hinckley quando ambos eram conselheiros em presidências de estacas vizinhas, diz a respeito do amigo: “O Presidente Hinckley é tão capaz, tão culto e tão experiente em tantas coisas, que às vezes as pessoas se espantam com ele. Contudo, é muito gentil e atencioso.”

Considerando-se toda a sua força e confiança atual, as perspectivas iniciais do primeiro filho de Bryant S. e Ada Bitner Hinckley não eram tão promissoras quando nasceu, a 23 de junho de 1910, na Cidade de Salt Lake. Quando criança, Gordon não era sadio e robusto como alguns. Com dois anos de idade, contraiu coqueluche, cujos efeitos ameaçaram não só os pulmões, mas os membros e a própria vida do menininho. Essa doença seria seguida de um grave histórico de asma e alergias e cada um desses males depauperou a saúde do menino. “Ele precisa de mais ar fresco e de sol”, disse o médico aos angustiados pais. Imediatamente,





fizeram-se planos de adquirir uma pequena fazenda na área de East Millcreek, em Salt Lake—naqueles dias considerada zona rural, distante do centro da Cidade de Salt Lake e exatamente o que o médico aconselhara para o jovem Gordon.

Nessa fazenda, nos verões, fins de semana e feriados, Gordon recuperou a saúde e aprendeu a trabalhar. E, de alguma forma, perto do solo e da natureza, sua confiança na boa e providente mão de Deus cresceu do mesmo modo que as centenas de sementes de hortaliças e árvores frutíferas que plantou, cultivou e colheu.

“Após um dia de trabalho árduo e gratificante, eu e meu irmão mais

novo, Sherm, dormíamos sob as estrelas, dentro de uma velha carroça”, recorda o Presidente Hinckley, sorrindo e com olhar nostálgico. “Naqueles noites claras de verão, deitávamos de costas na carroça e olhávamos as incontáveis estrelas do céu. Identificávamos algumas constelações e estrelas que já havíamos visto na enciclopédia que estava sempre a nossa disposição na biblioteca de nossa casa. Localizávamos alguns sinais mais visíveis no céu, mas nosso predileto era a Estrela Polar. Toda noite, como muitas gerações de meninos antes de nós, delimitávamos a Ursa Maior, acompanhávamos a cauda até o corpo,

para encontrarmos a Estrela Polar.”

“Viemos a conhecer a constância dessa estrela”, lembra. “Com o movimento giratório da Terra, as outras estrelas pareciam mover-se à medida que a noite passava. Mas a Estrela Polar mantinha sua posição alinhada ao eixo da Terra. Por causa dessas contemplações da infância, a estrela polar veio a significar algo para mim. Era uma coisa constante em meio à mudança. Era algo com que sempre se podia contar, algo seguro, uma âncora no meio do que parecia um firmamento volúvel e instável.”

Richard, filho dos Hinckley, recordando aqueles dias de juventude, conta: “Era visível que, naqueles



A esquerda: Gordon B. Hinckley e a mulher, Marjorie, na dedicação do Templo da Suíça, em 1955. Como membro da Primeira Presidência, rededicou o templo em 1992. À direita: Élder e Irmã Hinckley com os cinco filhos, logo após seu chamado como Assistente dos Doze em abril de 1958. Abaixo: Três anos mais tarde, aos 51 anos, foi ordenado Apóstolo, em 5 de outubro de 1961. Firme e constante em todas as suas responsabilidades, o Presidente Hinckley é um exemplo sólido como a rocha e uma estrela-guia para os que o conhecem.



primeiros anos, Gordon estava começando a perceber e ter a sensação do que significa constância, estabilidade e confiabilidade. Essas sempre foram suas maiores características e penso que ele sempre gostou muito de vê-las nos outros.”

Parte dessa constância vem de uma herança mais profunda e distante do que aqueles dias cheios de trabalho em East Millcreek, quando menino. O avô do Presidente Hinckley, Ira Nathaniel Hinckley, ouviu o evangelho aos sete anos de idade e ficou órfão aos nove. Mais tarde, foi para Nauvoo e atravessou as Grandes Planícies em direção ao Vale de Salt Lake, tendo enterrado a esposa no caminho. Vários anos depois, Ira casou-se novamente, estabeleceu-se e aceitou o chamado de Brigham Young para cuidar do rancho da Igreja em Cove Creek, Condado de Millard, no sul de Utah. “Como [o rancho] é um pouco longe das outras colônias”, escreveu

Brigham Young, “é necessário um homem experiente e de perfeita aptidão prática para preencher a vaga. Se acha que pode enfrentar essa missão, deve preparar-se para partir uma semana depois da próxima segunda-feira. [Assinado] Seu irmão no evangelho, Brigham Young.”

O neto, admirador do avô, conta: “Eles iam aonde lhes pediam e faziam o que lhes pediam, não importando o que custasse em termos de conforto, dinheiro ou a própria vida.” A filha do Presidente e da Sister Hinckley, Virginia, acrescenta: “Para verdadeiramente entender meu pai, é necessário entender seus antepassados e a influência que eles tiveram em sua vida e em seus valores. Essa influência está presente em tudo o que ele faz, proporcionando-lhe constância e inspiração. E ele sempre procurou mostrar sua gratidão.”

Foi no coração do Condado de Millard que Ira ergueu o histórico Forte Cove e presidiu uma pequena



À esquerda: Na década de 60, o Élder Hinckley supervisionou a Igreja na Ásia. **Aqui, encontra-se com uma família japonesa. À direita:** O Presidente Joseph Fielding Smith lê uma citação de *A Verdade Restaurada*, uma introdução à história da Igreja, de Élder Hinckley. **Extrema direita:** Élder Gordon B. Hinckley e Élder Thomas S. Monson, do Quórum dos Doze, cumprimentam um ministro no Arizona, em abril de 1972.

estaca de Sião, criando as condições em que criou seus filhos, um dos quais era o pai do Presidente Hinckley, Bryant S. Hinckley.

O irmão do Presidente Hinckley, Sherman Hinckley, hoje diretor da Missão Forte Cove, menciona o legado dessa época inóspita no deserto do oeste. Ele observa que o forte, ainda em pé mas totalmente reformado, foi construído com rochas vulcânicas assentadas com argamassa gorda, com muralhas de mais de um metro de espessura na base. Do irmão, diz: "Ele é sólido. Nada nele é insignificante. Tem estado firme na fé toda sua vida. Puxou o pai e o avô, que eram do mesmo jeito. Eu diria que, de certo modo, ele é como o Forte Cove — sólido como a rocha."

E todos os que conhecem o Presidente Hinckley concordam. Rodney H. Brady, pelos próprios méritos eminente líder educacional, governamental e de negócios, trabalhou por

10 anos como presidente e diretor executivo da Bonneville International (a empresa de radiodifusão da Igreja), sob a orientação de seu responsável, Presidente Gordon B. Hinckley. "Em meu cargo atual, já passei literalmente centenas de horas com o Presidente Hinckley", diz o Irmão Brady. "Em todo esse tempo, jamais vi um homem mais imparcial nos comentários nem mais decisivo nas conclusões. Quando é hora de tomar uma decisão, ele a toma, mas sempre atento a quaisquer promessas feitas anteriormente. Nunca conheci um homem com integridade maior."

Essas observações concordam com a avaliação de Stanley D. Rees, ex-presidente da Missão Alemanha Norte, ex-presidente do Templo da Suíça e há vários anos conhecido do Presidente Hinckley: "Conheço Gordon B. Hinckley há 59 anos", diz ele, sorrindo. "Crescemos no mesmo bairro e seu pai, Bryant Hinckley, foi meu presidente de estaca. Desde

que o conheço, nunca o vi fazer ou dizer alguma coisa que fosse inadequada ao chamado que tem hoje. Eu lhe confiaria tudo o que tenho."

Parte dessa integridade sólida como as muralhas do Forte Cove, constante como a estrela polar e firme como as montanhas originou-se com as coisas que ele leu e aprendeu, além da sua herança familiar. Tanto seu pai, Bryant S. Hinckley, quanto sua mãe, Ada Bitner Hinckley, eram educadores profissionais e receberam um excelente treinamento, levando-se em conta a precariedade daqueles dias. Além disso, a Irmã Ada Hinckley era musicista e o Irmão Bryant Hinckley era excelente escritor de histórias. O Presidente Hinckley lembra-se de que, quando menino, havia, em sua modesta casa, uma bela biblioteca com uma grande mesa de carvalho no centro, uma boa lâmpada, várias cadeiras confortáveis e uma coleção de mais de mil livros pertencentes a



FOTOGRAFIA—CORTESIA DE DESERET NEWS



seus letrados pais. O filho do Presidente Hinckley, Clark, observa que o pai sempre comentou com os filhos como aquela sala era calma e atraente.

“Aparentemente, era um lugar maravilhoso para se estudar”, diz Clark, “e refletia o amor que existia naquela casa pelos bons livros e pela aprendizagem.” “Bem”, ele acrescenta, sorrindo, “não acho que meu pai passasse o tempo inteiro lendo quando menino, mas é evidente que foi exposto a excelente literatura e que isso o influenciou bastante. Ele freqüentemente fala da atmosfera daquela sala. É uma impressão positiva que guarda consigo até hoje.”

O Presidente Hinckley cresceu pondo em prática o amor à língua e à leitura. Sua primeira idéia foi estudar jornalismo. Então, foi para a Universidade de Utah preparar-se. “Fui muito feliz”, lembra ele, “com os eventos oportunos que formaram minha primeira educação

universitária. Fui matricular-me no curso de inglês numa classe de calouros e todas as vagas estavam preenchidas. Por haverem muitos ainda tentando registrar-se, tiveram que abrir uma nova classe para a qual aparentemente não havia mais professor a não ser o talentoso e capaz chefe do departamento. Com ele, recebi uma maravilhosa introdução à língua inglesa. Passei a admirar esse e todos os outros professores. Li Carlyle e Emerson, Milton e Longfellow, Shakespeare e todos os outros. Depois, continuei com latim e grego. Hoje já não consigo fazê-lo, mas, naquela época, eu lia a *Iliada* e a *Odisséia* no original em grego. Terminei meus estudos universitários com um diploma em línguas antigas.”

Quando as pessoas conhecem o Presidente Hinckley, inevitavelmente comentam a facilidade que tem para expressar-se, como suas palavras indicam a amplitude e a

profundidade de seu intelecto. “O Presidente Hinckley é um mestre na oratória”, diz Wendell J. Ashton, um ex-companheiro de missão e amigo há mais de 60 anos. “Jamais me esquecerei de lorde Thompson of Fleet dizendo a seu filho alguns anos atrás: ‘O Hinckley é um grande orador. Ele sabe emocionar as pessoas.’”

Embora fosse a época da Grande Depressão e relativamente poucos jovens estivessem em missão, o bispo John C. Duncan o fez pensar na possibilidade de servir como missionário. O Presidente Hinckley discutiu o assunto com o pai—sua querida mãe havia falecido de câncer apenas três anos antes. Era uma época difícil para a família, financeiramente e em todos os outros aspectos.

“Apesar de tudo, lembro-me de meu pai dizer: ‘Faremos todo o possível para atender a suas necessidades’”, conta o Presidente Hinckley emocionado, “e ele e meu irmão comprometeram-se a ajudar-me



FOTOGRAFIA—COURTESIA DE, CHURCH NEWS

a terminar a missão. Foi então que descobrimos uma pequena poupança de minha mãe—dinheiro economizado com os trocos das compras que fazia. Com mais essa pequena ajuda, parecia que eu poderia ser missionário.”

Partiu pouco depois para a Inglaterra, considerando sagradas as moedas cuidadosamente economizadas pela mãe. “Guardei-as com a minha honra”, diz o Presidente Hinckley no limiar da emoção. Esse respeito pelo dinheiro adquirido e economizado com sacrifício e a lembrança de uma época de privações até hoje influenciam sua forma minuciosa e cautelosa de supervisionar as despesas financeiras da Igreja. É interessante que a principal peça de decoração em sua mesa de trabalho seja uma moeda antiga, pequena e emoldurada. A metade de um ceutil. A moeda da viúva pobre mencionada em Lucas 21:1-4.

Certamente, a missão na Grã-

Bretanha foi uma experiência “firme-como-uma-montanha”, ou experiência tipo “estrela-polar”, que afetaria praticamente tudo o que o Presidente Gordon B. Hinckley faria pelo resto da vida.

Primeiramente enviado para Preston, em Lancashire (onde Heber C. Kimball e outros começaram a primeira missão transatlântica cerca de 100 anos antes), o Élder Hinckley sentiu o desânimo comum aos missionários que enfrentam novas situações em uma terra estranha. Não estava fisicamente bem e lembra-se de quando foi para sua primeira reunião de rua naquela pobre cidade do norte da Inglaterra: “Eu estava assustado. Subi no pequeno púlpito e olhei para a multidão reunida. Eram terrivelmente pobres, no auge da Depressão. Pareciam ameaçadores e malvados mas, de alguma forma, eu disse o que tinha de dizer.”

Desanimado e sem conseguir obter sucesso no trabalho missionário-

À esquerda: Enquanto Élder Hugh W. Pinnock, dos Setenta, observa, o Presidente Hinckley abraça o Presidente Spencer W. Kimball, em Fayette, Estado de Nova York, na comemoração do sesquicentenário da Igreja, em abril de 1980. **À direita:** Como conselheiro do Presidente Kimball, o Presidente Hinckley muitas vezes executava o trabalho da Primeira Presidência, quando os outros membros da Primeira Presidência estavam doentes. Aqui, num momento de reflexão durante a conferência geral de abril de 1983. “Tudo vai dar certo” talvez seja o que ele mais diz às pessoas. “Continue tentando. Acredite. Seja feliz. Não desanime. Tudo vai dar certo.”

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • JUNHO DE 1995





HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON



Capitão Morôni e Paorã



Helamã e seus exércitos, porém, precisavam de reforços. Não havia homens suficientes para defender tantas cidades. Alma 58:32



Os exércitos lamanitas atacaram uma cidade nefita que Helamã havia retomado. Mataram muitos nefitas e obrigaram os demais a fugir da cidade. Alma 59:5-8



O capitão Morôni alegrou-se ao saber que Helamã e seus exércitos haviam reconquistado muitas das terras nefitas que estavam em poder dos lamanitas. Alma 59:1



O capitão Morôni enviou uma carta a Paorã, juiz supremo e governador da terra. Pediu a Paorã que enviasse mais soldados para auxiliar os exércitos de Helamã. Alma 59:3



Zangado com o governo nefita, que não enviara reforços, Morôni escreveu outra carta a Paorã. Alma 59:13, 60:1

ILUSTRAÇÃO DE JERRY THOMPSON



O capitão Morôni escreveu que muitos haviam sido mortos porque Paorã não enviara mais soldados para ajudá-los.

Alma 60:3-5



Se Paorã não enviasse homens e alimentos rapidamente, escreveu Morôni, ele levaria seus exércitos até Zaraenla e forçaria Paorã a ajudá-los.

Alma 60:34-35



Em pouco tempo, Morôni recebeu a resposta de Paorã, que escreveu declarando estar muito triste devido ao sofrimento de Morôni e de seus exércitos.

Alma 61:1-2



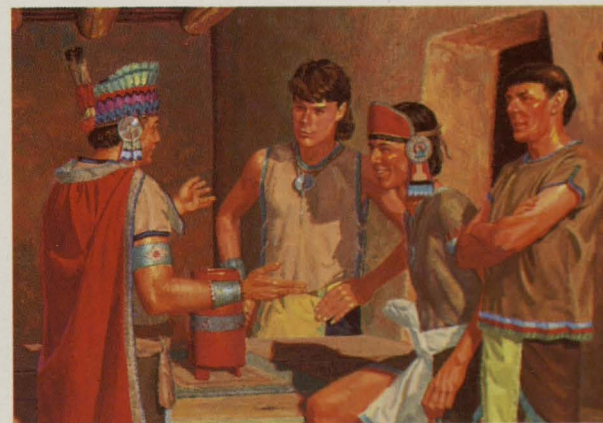
Paorã contou a Morôni que alguns nefitas não o queriam como juiz supremo e que fora expulso de Zaraenla, junto com outros homens livres.

Alma 61:3-5



Paorã acrescentou que estava reunindo um exército para retomar a cidade de Zaraenla.

Alma 61:6-7



Os nefitas iníquos de Zaraenla haviam nomeado um rei e estavam fazendo aliança com os lamanitas.

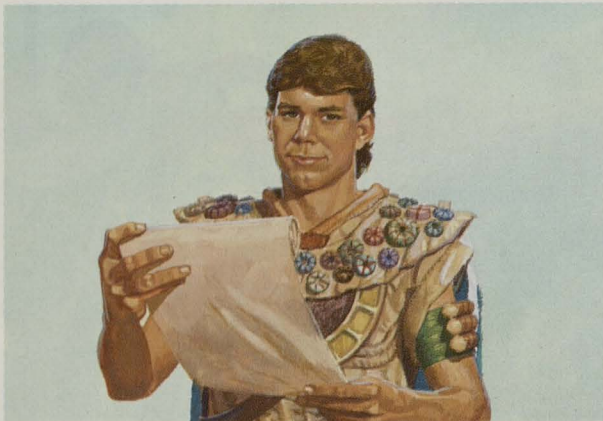
Alma 61:8



Paorã não estava zangado com o que Morôni escrevera. O juiz supremo também buscava a liberdade para os nefitas. Alma 61:9



Pediu a Morôni que trouxesse uns poucos homens para ajudá-lo, acrescentando que, se Morôni reunisse mais homens ao longo do caminho, poderiam retomar Zaraenla. Alma 61:15-18



O capitão Morôni ficou feliz porque Paorã ainda era fiel a seu país e buscava a liberdade para seu povo. Alma 62:1



Com um pequeno número de homens, Morôni foi reunir-se a Paorã. Empunharam o estandarte da liberdade e milhares de homens pelo caminho se uniram a eles. Alma 62:3-5



Os exércitos de Morôni e Paorã marcharam contra Zaraenla, mataram o rei dos nefitas iníquos e capturaram seus homens. Alma 62:7-8



Morôni enviou provisões e doze mil homens para auxiliar os exércitos nefitas, que então expulsaram os lamanitas. Houve paz novamente na terra. Alma 62:12-13, 38-39, 41-42

SÓ PARA DIVERTIR

ANIMAIS DO VELHO TESTAMENTO

Marianne Frost Bates



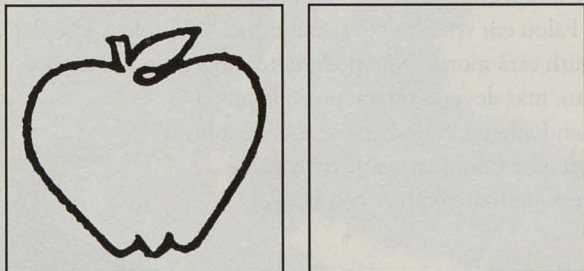
Combine cada animal com a pessoa ou acontecimento correspondente no Velho Testamento.

- a. Voltou para Noé com a folha de oliveira (ver Gênesis 8:6-11).
- b. Uma das dez pragas infligidas ao Egito (ver Êxodo 8:1-15).
- c. Dadas aos israelitas quando estes cansaram de comer maná (ver Êxodo 16:11-13).

- d. Davi impediu que fosse devorada por um leão e por um urso (ver I Samuel 17:32-37).
- e. Alimentaram Elias, o profeta, na época em que ele se escondia do rei Acabe (ver I Reis 17:1-6).
- f. Daniel foi salvo de ser devorado por eles (ver Daniel 6).
- g. Jonas passou três dias nas entranhas de um deles (ver Jonas 1).

MAÇÃ MADURA

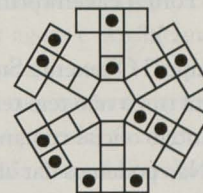
Rosie Centrone



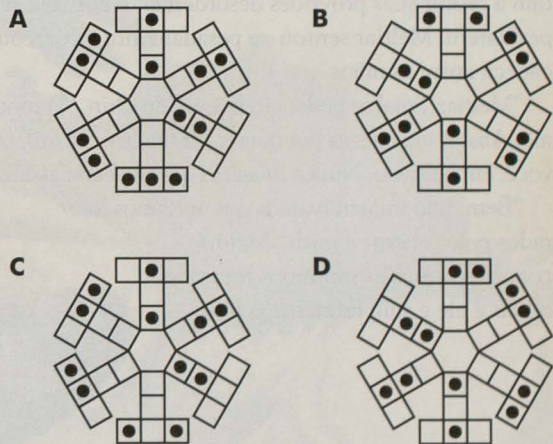
Pinte a maçã de verde e a folha de azul. Em um local com boa iluminação, fixe o olhar no centro da maçã verde enquanto conta até 30 lentamente. Sem piscar, olhe rapidamente para a caixa vazia ao lado dela. Você verá uma maçã vermelha madura com uma folha amarela. Isto se chama pós-imagem. Caso não consiga vê-la, fixe o olhar na maçã por um período mais prolongado.

ENCONTRE O CORRESPONDENTE

Rich Latta



Consegue descobrir qual dos desenhos abaixo é idêntico ao que se encontra acima?



Animais do Velho Testamento: (a) 2, (b) 6, (c) 5, d (1), (e) 4, (f) 7, (g) 3. Encontre o correspondente: B

I R M Ã O S

(Baseada em uma história da família Hatch)
Sheila Kindred

"Soldado!" Meltiar Hatch ficou em posição de sentido e fez continência ao homem a cavalo. O Batalhão Mórmon estivera em marcha desde o amanhecer. Meltiar aproveitara a pausa e levava seu irmão Orin, de 16 anos, para descansar na sombra de uma árvore. Não percebera a aproximação do oficial a cavalo até que este estivesse a seu lado.

O tenente Smith respondeu à continência de Meltiar. "À vontade, soldado." Olhou então para Orin, que estava deitado, inerte, com os olhos fechados. "Seu companheiro parece muito doente."

"Sim, senhor", disse Meltiar tristemente. "Ele contraiu a febre no Forte Leavenworth, mas eu sei que em algum tempo (. . .)."

"Tempo? Tempo?" O tenente Smith interrompeu ruidosamente. "Esta tropa não tem tempo. A morte inoportuna de nosso antigo oficial comandante atrasou-nos duas semanas. Não podemos dar atenção aos doentes e cansados. Deixe-o aqui."

Os protestos de Meltiar foram ignorados enquanto o tenente Smith se voltava e ordenava o toque de reunir. À medida que rufavam os tambores, os homens começaram a reunir suas provisões desordenadamente e a se perfilar. Meltiar sentou-se pesadamente e colocou a cabeça entre as mãos.

"Meltiar", mal se podia ouvir a voz de Orin. "Perdoe-me. Alistei-me apenas por querer ser finalmente útil, como você, em Nauvoo. Nunca imaginei que acabaria assim."

"Bem, não imaginávamos que seríamos liderados pelo tenente Smith. Alguns comandantes não-mórmons têm sido cruéis e ele é simplesmente o pior

deles. Não nos esqueçamos das promessas dadas por Brigham Young e pelos Doze", disse Meltiar com convicção. "Se nos portarmos corretamente nesta marcha, nossa vida será poupada." Colocou sua mochila e o cantil nas mãos de Orin. "Aqui você encontrará algum alimento extra e um pouco de água. Tenho que ir agora, mas voltarei, eu prometo", disse erguendo-se.

"Nunca tive a intenção de ser um fardo."

"Irmãos nunca são fardos."

Quando o batalhão acampou, Meltiar saiu sorratamente e iniciou sua jornada de volta ao local onde Orin o aguardava. Necessitando muito de repouso, sentou-se ao lado de uma árvore e adormeceu rapidamente. Mais tarde, acordou subitamente. Não conseguia lembrar-se do porquê estar só em um bosque no meio da noite, mas sentia que a vida de outra pessoa dependia dele. Meltiar sacudiu a cabeça para clarear as idéias.

O primeiro pensamento que lhe veio à mente foi o de que ainda era mensageiro na Legião de Nauvoo.

Falou em voz alta consigo mesmo. "O Profeta Joseph Smith está morto. Não poderia ter impedido seu assassinato, mas deveria ter encontrado ajuda quando meu cavalo ficou manco, em lugar de tentar caminhar até Carthage. Se tivesse feito isso talvez conseguisse

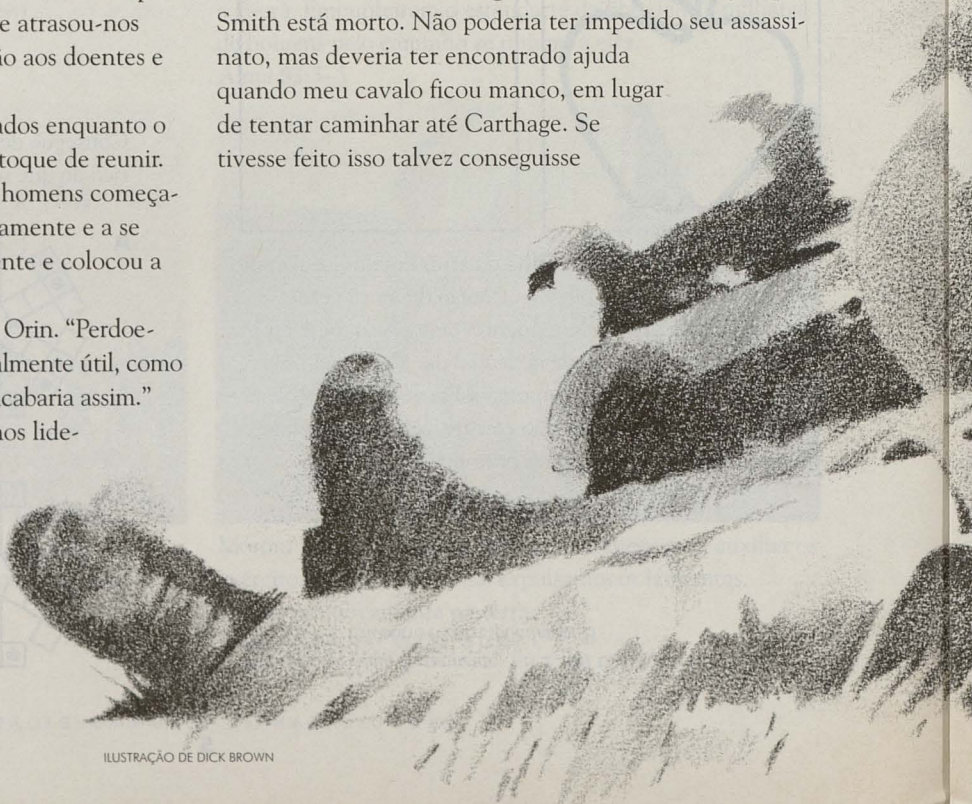


ILUSTRAÇÃO DE DICK BROWN

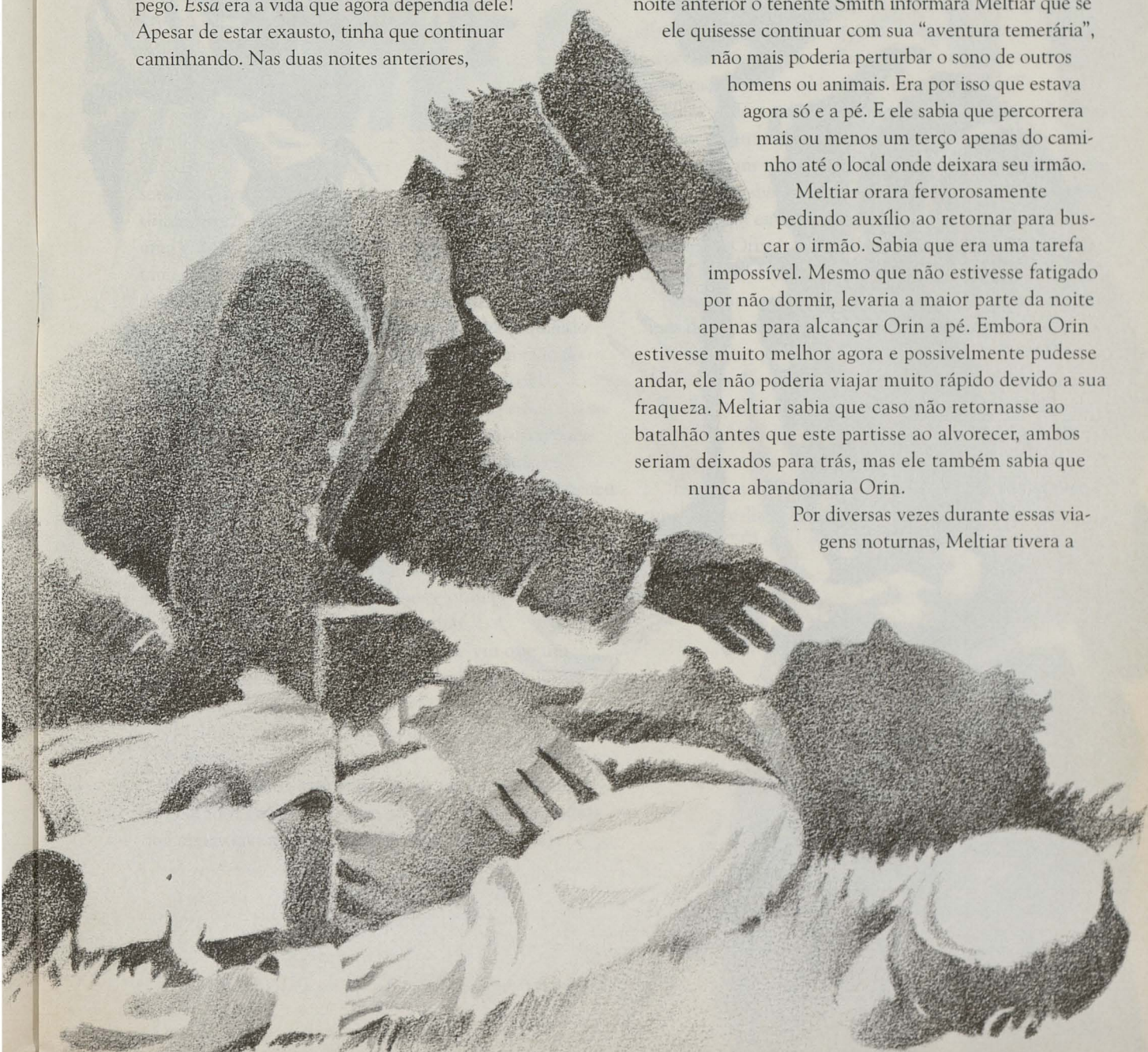
entregar-lhe a última mensagem de seus entes queridos antes que morresse." Meneou a cabeça tristemente. "Mas eu era jovem e cheio de orgulho como Orin é agora."

Ao pensar no irmão, Meltiar levantou-se trôpego. *Essa* era a vida que agora dependia dele! Apesar de estar exausto, tinha que continuar caminhando. Nas duas noites anteriores,

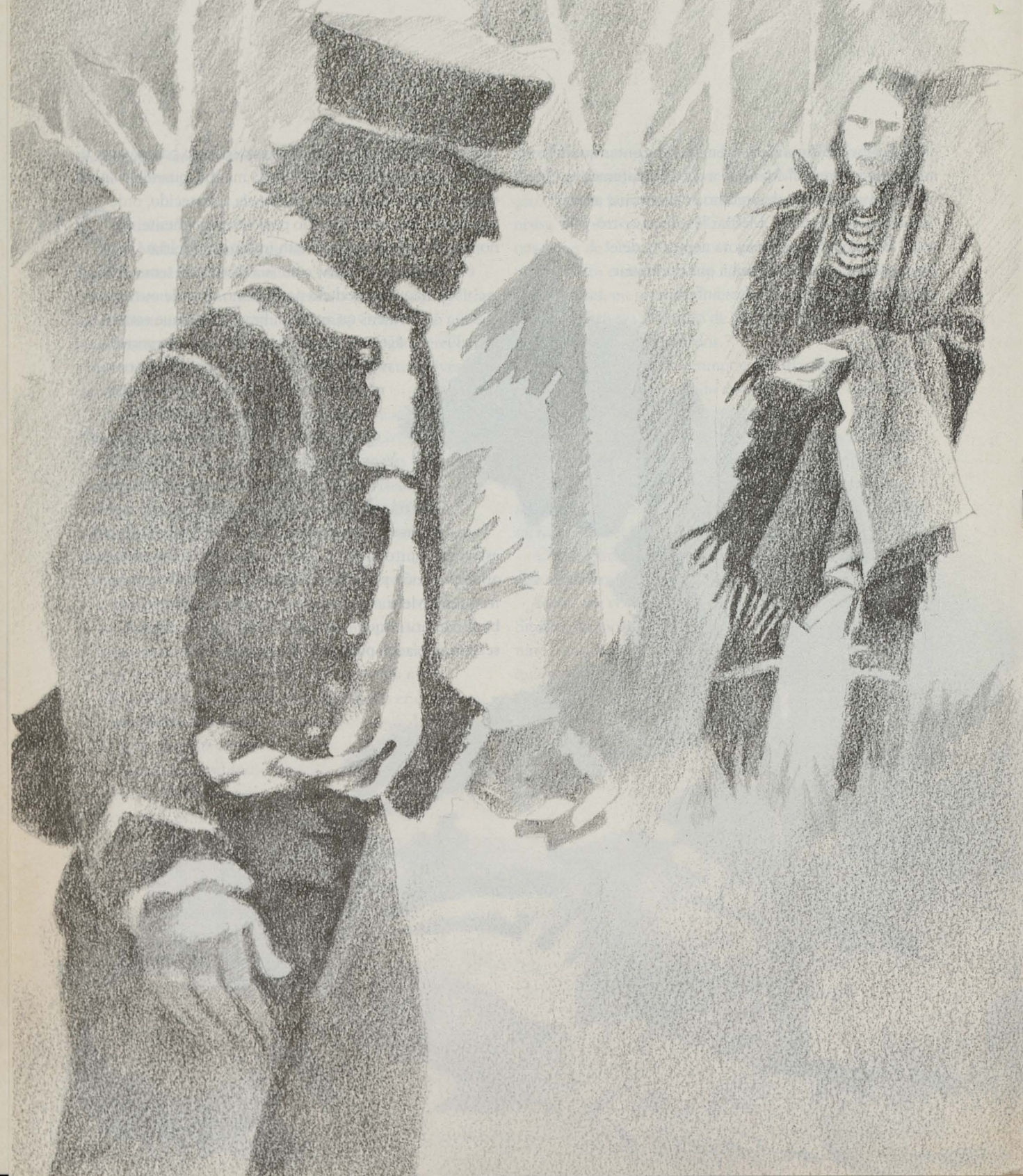
Meltiar conseguira a ajuda de outro soldado para levá-lo ao acampamento a cavalo. A cada manhã, quando o tenente Smith descobria o que havia acontecido, ordenava que Orin fosse deixado para trás novamente. Na noite anterior o tenente Smith informara Meltiar que se ele quisesse continuar com sua "aventura temerária", não mais poderia perturbar o sono de outros homens ou animais. Era por isso que estava agora só e a pé. E ele sabia que percorrera mais ou menos um terço apenas do caminho até o local onde deixara seu irmão.

Meltiar orara fervorosamente pedindo auxílio ao retornar para buscar o irmão. Sabia que era uma tarefa impossível. Mesmo que não estivesse fatigado por não dormir, levaria a maior parte da noite apenas para alcançar Orin a pé. Embora Orin estivesse muito melhor agora e possivelmente pudesse andar, ele não poderia viajar muito rápido devido a sua fraqueza. Meltiar sabia que caso não retornasse ao batalhão antes que este partisse ao alvorecer, ambos seriam deixados para trás, mas ele também sabia que nunca abandonaria Orin.

Por diversas vezes durante essas viagens noturnas, Meltiar tivera a



M O S





sensação inquietante de estar sendo observado. Agora tinha certeza de ter visto algo se movendo ao lado de uma grande rocha adiante. Ele parou de caminhar e lentamente tentou empunhar sua arma. A pistola, porém, desaparecera! Provavelmente caíra após haver adormecido. Pensou em pegar sua faca, mas congelou quando um índio surgiu da escuridão. Algo reluziu na mão do índio, com a luz do luar. Era a pistola de Meltiar!

Enquanto Meltiar imaginava o que fazer, ouviu o som de um cavalo se aproximando. *Será que alguém do batalhão me seguiu?* imaginou ele. *Ou seria outro índio?* O índio pareceu não ter ouvido o barulho, mas permaneceu estático com o revólver voltado para baixo a seu lado.

Quando o cavalo surgiu na clareira, o coração de Meltiar gelou ao ver que era um cavalo índio com dois cavaleiros. Meltiar fechou os olhos e orou pedindo ajuda.

“Meltiar?” chamou uma voz familiar.

Assustado, Meltiar abriu os olhos e viu que um dos cavaleiros desmontara e se aproximava dele cautelosamente.

“Meltiar?” repetiu a voz. “É você?”

“Orin?”

Os dois irmãos lançaram-se em um abraço breve e arrebatado; então, voltaram-se para encarar os índios que aguardavam. Os índios haviam montado no

cavalo, deixando as mochilas e as armas dos irmãos no chão. Um dos índios ergueu a mão lentamente em saudação. “Irmãos”, disse ele, antes de se voltarem e desaparecerem nas sombras.

“Foi isso que ele disse quando chegou e me pegou”, disse Orin. “Pensei que queria dizer que algo acontecera a você, então acompanhei-o, muito embora estivesse apavorado. Como sabiam que éramos irmãos?”

“Eles andaram nos vigiando nas últimas noites”, disse Meltiar ao entender subitamente o que acontecera. “E talvez tenham notado o quanto nos importamos um com o outro. Perceberam também necessitávamos de auxílio, então vieram em nosso socorro! Ou (. . .)” disse sorrindo para Orin (. . .) “talvez o significado do que ele disse é que todos somos irmãos.”

“Sou grato pela ajuda deles”, disse Orin suavemente, “mas nem sempre é fácil aceitar a ajuda de outros.”

“Sei o que quer dizer.” Meltiar apoiou-se em Orin. “Mas se você estiver tão forte quanto parece, chegou a hora de ser útil. Preciso de sua ajuda para caminhar de volta ao acampamento. Detesto ser um fardo, porém, estou muito cansado!”

“Estou muito mais forte agora, Meltiar. Não se preocupe”, disse-lhe Orin com um sorriso. “Irmãos nunca são fardos.” □



CREIO QUE O SACERDÓCIO ABENÇO A MINHA VIDA

“Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos por quem possua autoridade, para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças.” (5ª Regra de Fé)

Karen Lofgreen



Tetsuko vivia próxima a uma alta montanha no Japão e estava muito entusiasmada porque iria para a escola pela primeira vez. Mas enquanto vestia o novo uniforme, seu estômago começou a doer. Não sentia vontade de tomar seu desjejum e começou a chorar.

Okasan (Mãe) perguntou: “O que aconteceu Tetsuko? Está doente?”

“Sim. Estou com dor de estômago e não creio que possa ir para a escola hoje”, disse em prantos.

Otosan (Pai) segurou-lhe a mão e disse: “Acho que sei o que deve estar errado com você. Este é seu primeiro dia de aula. Você ficará fora de casa o dia todo e não sabe o que esperar. Tive essa mesma sensação quando comecei em meu emprego. Gostaria que eu lhe desse uma bênção paterna especial?”

Tetsuko meneou a cabeça em sinal de aprovação.

Otosan colocou as mãos sobre a cabeça da menina e deu-lhe uma bênção. Agradeceu ao Pai Celestial por ela e pela felicidade que a filha lhes trouxe. Abençoou-a para que se sentisse melhor, não tivesse medo e sentisse paz no coração.

Tetsuko foi para a escola. Naquela tarde, entrou correndo em casa chamando: “Okasan! Cheguei. Foi divertido ir à escola. Minha professora é simpática e fiz alguns novos amigos.”

A mãe lhe disse: “Estou feliz que seu dia tenha sido tão bom e que Otosan tenha podido lhe dar uma bênção especial.” Nosso Pai Celestial deu Sua autoridade a certos homens para que Sua obra pudesse ser realizada. Essa

autoridade chama-se sacerdócio. Sacerdócio significa o poder e a autoridade para se agir em nome do Pai Celestial.

Como as coisas seriam diferentes se não tivéssemos o sacerdócio? A Igreja não teria sido organizada, ninguém poderia ser batizado ou receber o dom do Espírito Santo, ninguém receberia as bênçãos do templo nem poderia voltar a viver com o Pai Celestial. Por meio do sacerdócio, todos os filhos do Pai Celestial podem ser abençoados.

Instruções

Pinte as figuras da página. Remova a página da revista e cole-a em uma cartolina. Então recorte as figuras e utilize-as para contar a história de Tetsuko para sua família e amigos durante uma noite familiar. Converse a respeito da autoridade do sacerdócio que o pai de Tetsuko usou para abençoá-la. Para colocar as figuras em um flanelógrafo, cole um pedacinho de flanela ou lixa no verso de cada uma delas.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Procure figuras na biblioteca da capela ou em revistas da Igreja que mostrem ordenanças do sacerdócio (por exemplo: um bebê sendo abençoado, alguém sendo batizado, o sacramento sendo administrado). Entregue uma dessas figuras a cada classe e faça com que debatam a respeito da ordenança do sacerdócio mostrada e como ela as abençoa.

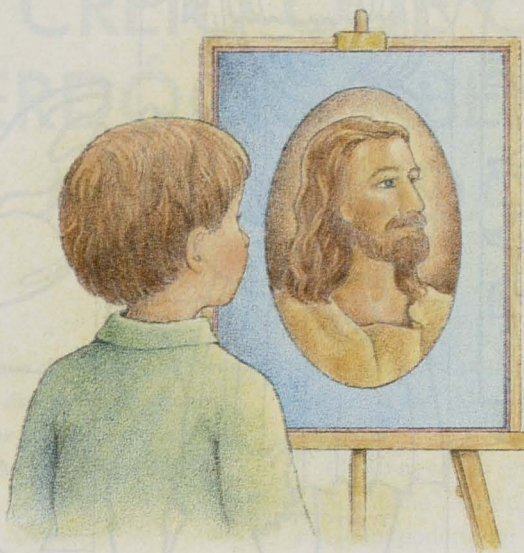
2. Pergunte às crianças como o sacerdócio pode abençoar suas famílias. Escreva as respostas no quadro-negro.

3. Peça às crianças que desenhem uma figura ilustrando os termos a seguir, para colocá-los no “Meu Livro das Regras de Fé” (ver Tempo de Compartilhar, fevereiro de 1995, página 12): sacerdócio—o poder e a autoridade para agir em nome de nosso Pai Celestial; autoridade—o direito de usar ou dar poder; imposição das mãos—parte da ordenança quando se está dando uma bênção do sacerdócio. □



ILUSTRAÇÃO DE PHYLIS LUCH

CONSERVA TUA ROTA



Com alegria ♩ = 144-160

C G⁷ C

1. Pa - ra ter a - le - gri - a na vi - da _____ É pre -
 2. O e - van - ge - lho me en - si - na a o - rar, _____ A ter

5 5 5 4 2 1

G⁷ C

ci - so o que é cer - to fa - zer. _____ A - pren -
 fé e a o - be - de - cer; _____ E bem

1 2

F C

den - do os en - si - nos de Cris - to _____ Sa - be -
 sei que vi - ven - do o e - van - ge - lho _____ Mais fe -

5 4 2 1

F G7 C Coro

rei sem - pre o cer - to es - co - lher. Es - co -
 liz, ca - da di - a, hei de ser.

C G7

lhen - do Mi - nha ro - ta Bem fe -
 liz eu hei de ser.

3 1 3 4 1 3 1 3 1

3 5 4 1 2 3 1

5 3 5 3

5 2 1 2 5

Letra e Música: Clara W. McMaster, n. 1904. © 1981 SUD

Esta música pode ser copiada para uso no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

João 13:17; Moisés 6:33
 Provérbios 29:18

ILUSTRAÇÃO DE BETH WHITAKER



FICÇÃO

RENATO SALVA O DIA

Jenny S. Hatch

Renato, aos sete anos de idade, queria ser um herói. Ele assistia aos super-heróis da TV e lia muitas de suas aventuras. Acreditava qualificar-se para o trabalho. Sabia exatamente como deter os homens maus e impedir a injustiça.

Certa manhã, ao acordar, decidiu que a hora de se tornar um super-herói havia chegado. Ele iria salvar o dia.

“Apreste-se”, chamou sua mãe. “O desjejum está na mesa.”

Renato pulou da cama, vestiu-se

num instante e então correu para a cozinha.

“Isso foi rápido”, notou a mãe. “Você deve ter grandes planos para hoje.”

“Mais ou menos”, respondeu. Ele não queria falar demais. Todo garoto de sete anos sabe que super-heróis não se gabam.

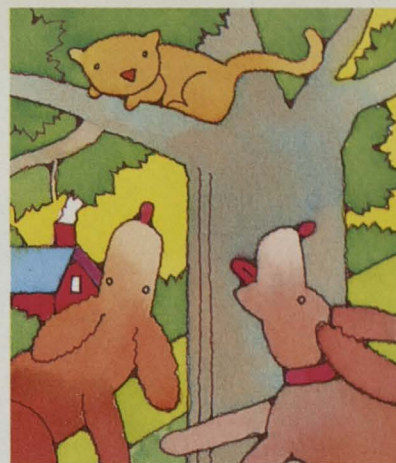
Renato engoliu o desjejum, pensando nas possíveis aventuras que o aguardavam.

A voz da mãe interrompeu-lhe o pensamento.

“Oh, não”, suspirou ela.

“Quase esqueci que prometera apanhar uma cesta de framboesas para a sra. Toledo. Renato, poderia tirar a mesa e lavar a louça do desjejum para





que eu possa fazê-lo?”

No início, Renato ficou um pouco aborrecido. Afinal, tinha coisas mais importantes para fazer. Tinha que salvar o dia. *Oh, bem*, pensou. É cedo ainda e até agora o dia não precisou ser salvo. Além disso, se a sra. Toledo fizesse geléia com as framboesas, talvez guardasse um vidro para ele. Ele gostava da sra. Toledo, e ela sabia o quanto Renato gostava de geléia de framboesa.

Após terminar com a louça, Renato praticamente saiu voando pela porta da frente. Parou na calçada e estudou cuidadosamente a

vizinhança, com sua visão de lince. Tudo parecia bem silencioso, mas todo super-herói sabe que o silêncio pode ser enganador.

Repentinamente, o silêncio foi quebrado! Seu irmão mais novo, Pedro, o chamava da varanda. “Renato, nossa mãe quer que você amarre meus sapatos.” Pedro tinha quatro anos e estava quase aprendendo a amarrar os sapatos.

Renato arrastou-se escada acima até chegar à varanda e começou a amarrar os cadarços do irmão. Então teve uma super idéia: *Se eu ensinar o Pedro a amarrar os próprios cadarços, não terei que fazê-lo novamente, e terei mais tempo para salvar o dia!* Sentou-se pacientemente com o irmão. O início foi frustrante, mas logo os dedos de Pedro fizeram exatamente o que se esperava que fizessem. Agora Pedro podia amarrar os próprios sapatos.

Ajudar Pedro levou mais tempo do que Renato planejara. Ele esperava que não tivessem precisado dele para alguma emergência. Decidiu

dar um passeio pela redondeza, conservando olhos e ouvidos atentos a qualquer sinal de problema.

Exceto por dois cachorros perseguindo um gato até uma árvore, ele não viu nada. Espantou os cachorros e persuadiu o gato a descer da árvore. Essa não era sua idéia do trabalho de um super-herói, mesmo com o gato parecendo feliz. Desanimado, voltou para casa.

“Oi”, disse-lhe a mãe. “Estava saindo para procurá-lo. Precisamos ir ao supermercado e comprar algumas coisas para o jantar. Entre no carro.”

Renato animou-se um pouco.





Talvez pudesse salvar o dia no mercado. Ansioso por chegar lá, ajudou Pedro e a irmã mais nova, Isabel, a colocarem os cintos de segurança antes de colocar o seu. No supermercado, examinou os corredores em busca de algo fora do lugar.

Renato empurrava o carrinho enquanto a mãe o enchia de mercadorias. Com Isabel sentada no carrinho, ficava cada vez mais difícil empurrá-lo. Quando chegaram ao caixa, Renato estava muito cansado, mas tinha certeza que empurrar o carrinho todo aquele tempo tinha deixado seus músculos mais rijos. Um super-herói precisava ser realmente muito forte. Mas ele estava desapontado por não ter sido necessário para salvar o dia.

Uma vez em casa, ajudou a carregar as compras e a guardá-las. Enquanto sua mãe preparava o jantar, ele arrumou a mesa. Após o jantar, decidiu que deveria tirar a mesa também.

O dia estava quase terminando. Mais umas duas horas e ele iria para a

cama, e ainda não havia salvo o dia. Resolveu sair para a varanda e dar uma última olhada na vizinhança.

No momento em que saía, ouviu Isabel chorar. Estava pronta para dormir e queria ouvir uma história. Renato podia ouvir a mãe no outro quarto ajudando Pedro a se trocar para ir deitar. Renato era um bom leitor e achou que ler uma história não levaria muito tempo. Ele acomodou Isabel na cama e leu-lhe sua história favorita—e depois leu-lhe outra e outra. Quando ela finalmente adormeceu já era quase hora de Renato ir para a cama.



Não fiz nada para salvar o dia, pensou. Não impedira nenhum plano sinistro. Ninguém precisou ser resgatado. Não salvei o dia de maneira alguma.

Enquanto estava deitado na cama pensando a respeito do dia desperdiçado, a mãe foi a seu encontro. “Renato, você deitou muito cedo. Está se sentindo bem?”

“Sim. Creio que estou apenas cansado.”

A mãe sorriu. “Aposto que está mesmo—você realmente salvou o meu dia hoje. Obrigada.”

“O quê?” Renato sentou-se na cama. “O que você disse?”

“Disse que você salvou meu dia hoje. Nunca teria terminado todas as coisas que precisavam ser feitas se não fosse por sua ajuda.” E com um rápido beijo em sua testa, a mãe saiu.

“Salvei o dia!” Renato sussurrou animadamente. “Eu realmente consegui!”

Naquela noite, Renato, o super-herói, adormeceu pensando nas formas de salvar o dia, amanhã. □





FOTOGRAFIA DE DELL VAN ORDEN, CHURCH NEWS

À esquerda: Em 1982, o Presidente Hinckley, junto com Élder Thomas S. Monson, do Quórum dos Doze, acompanha o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, numa visita ao Centro de Serviços de Bem-Estar da Área de Ogden, Utah.

À direita: O Presidente e a Irmã Hinckley no Templo da Cidade do México, que ele dedicou em 1983. Abaixo: O Presidente e a Irmã Hinckley encontram uma árvore nova surgindo das cinzas do incêndio que devastou o Parque Nacional de Yellowstone em 1988. O Presidente Hinckley gosta muito de plantar árvores e arbustos; ele já plantou centenas, através dos anos.

rio, Gordon escreveu uma carta a seu pai, dizendo: “Estou desperdiçando meu tempo e seu dinheiro. Não vejo razão para estar aqui.” Recebeu então uma resposta gentil e concisa de seu pai. Dizia: “Querido Gordon. Recebi sua carta [de tal data]. Tenho somente uma sugestão. Esqueça de você mesmo e trabalhe. Com amor, seu pai.”

Comenta o Presidente Hinckley a respeito desse momento: “Ponderei sobre sua resposta e, no estudo das escrituras da manhã seguinte, lemos a importante declaração do Senhor: ‘Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará.’ (Marcos 8:35)

Essa declaração simples, essa promessa, tocou-me. Ajoelhei-me e fiz um convênio com o Senhor de que tentaria esquecer de mim mesmo e trabalharia. Considero aquele como o dia decisivo de minha vida. Tudo

de bom que me aconteceu desde aquele dia eu posso remontar à decisão tomada naquela época.”

Logo que se atirou ao trabalho em Lancashire, o jovem Élder Hinckley foi chamado a Londres para ser assistente especial do Élder Joseph F. Merrill, que era membro do Conselho dos Doze Apóstolos e presidente da Missão Européia.

“Não batizávamos muita gente naqueles dias”, lembra-se o companheiro de missão, Wendell J. Ashton, “mas o Élder Hinckley era fantástico nas reuniões de rua em Hyde Park (N.T. Tribuna livre em Londres). Realmente aprendemos a falar na rua. E o Élder Hinckley era o melhor do grupo. Sempre achei que ele adquiriu uma incrível experiência em Hyde Park, fazendo o que tão bem faria pelo resto da vida—defender a Igreja e falar corajosamente de suas verdades. Ele era bom nisso naquela época e é bom nisso hoje.”



FOTOGRAFIA DE GERRY AVANT, CHURCH NEWS



Pouco tempo depois, o jovem Élder Hinckley estava de volta à Cidade de Salt Lake, cansado, magro e (por ironia do destino) com vontade de nunca mais viajar. Ele foi ao Escritório da Administração da Igreja a fim de encontrar-se com o Presidente Heber J. Grant e seus dois conselheiros, para conversar a respeito de desafios específicos da Missão Européia, por sugestão do

presidente de missão. “O Presidente Grant disse-me que eu tinha quinze minutos. Comecei a falar e eles começaram a fazer perguntas; deixei o escritório uma hora e quinze minutos depois. Dias mais tarde, o Presidente McKay ligou para mim e ofereceu-me um emprego como secretário do então recém-organizado Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária da Igreja.”

Na comemoração de seus 90 anos, o Presidente Ezra Taft Benson é cumprimentado por seus conselheiros e esposas (a partir da esquerda): Irmã Frances Monson, Presidente Thomas S. Monson, Presidente Gordon B. Hinckley, Irmã Marjorie Hinckley, Presidente Benson e Irmã Flora Benson.

FOTOGRAFIA—CORTESIA DE DESERET NEWS



Iniciou, então, exceto por um período de dois anos durante a Segunda Guerra Mundial, um período de 60 anos em cargos administrativos e como Autoridade Geral na sede da Igreja. “A rica experiência do Presidente Hinckley na administração da Igreja combina história e memória de uma forma notável”, diz o Élder Neal A. Maxwell, companheiro do Quórum dos Doze Apóstolos. “Seu conhecimento das coisas como elas foram e como elas são agora prepararam-no para contribuir para as coisas como elas serão.” O Escritório da Administração, onde fez aquele relato impressionante quando era jovem, é o mesmo edifício de onde preside a Igreja exatamente 60 anos depois.

O jovem Gordon B. Hinckley foi tão útil que impressionou os muitos líderes da Igreja que ele ajudava com seu trabalho administrativo. Todos achavam que ele era brilhante, incrível e trabalhador, mas talvez ninguém estivesse mais próximo dele nem exercesse mais influência sobre ele naqueles anos do que o Presidente Stephen L Richards.

Quando o Presidente Hinckley começou a trabalhar na sede da Igreja, o Élder Stephen L Richards, na época membro do Quórum dos Doze Apóstolos, assumiu a presidência do Comitê de Rádio, Publicidade e Literatura Missionária da Igreja, do qual Gordon foi secretário executivo.

Mais tarde, quando o Élder Richards se tornou Primeiro Conselheiro do Presidente David O. McKay, na Primeira Presidência da Igreja, Gordon continuou a seu lado como secretário executivo do Comitê Missionário, organização presidida pelo Presidente Richards.

“Stephen L Richards teve um enorme impacto em minha vida”, diz o Presidente Hinckley afetuosamente. Ele era um homem forte e gentil, particularmente bondoso para comigo.”

Sem dúvida, o sentimento era mútuo, pois o Presidente Richards escreveu o seguinte a seu jovem assistente em 22 de dezembro de 1953:

“Querido Gordon: Estes são meus profundos votos de feliz Natal para você e sua família. Não consigo expressar minha gratidão por sua amizade e seu auxílio. Não vejo como poderia trabalhar sem o seu serviço eficiente e dedicado. Tenho certeza de que o Senhor o abençoará por causa de sua contribuição a Sua santa causa. Com gratidão e afeto, de seu irmão e amigo, [assinado] Stephen L Richards.”

“O Presidente Hinckley mostrou notáveis qualidades intelectuais e um discernimento que muito o ajudaram. Porém, a melhor decisão que já tomou na vida”, diz com um sorriso o Presidente Boyd K. Packer, Presidente Interino do Quórum

dos Doze Apóstolos, “foi a de casar-se com Marjorie Pay. Não se pode conhecê-lo até conhecê-la—a terna, paciente e orientadora influência que ela foi na vida dele e na vida dos filhos.”

“Marjorie, quando éramos crianças, era nossa vizinha”, diz a irmã mais nova do Presidente Hinckley, Ramona H. Sullivan. “E também era muito bonita. O que me lembro bem a respeito de Marge naquele tempo é de como era educada e como impressionavam, mesmo sendo uma moça, seus discursos e sua atuação nas reuniões e atividades da antiga Ala I. Todas as outras crianças simplesmente se levantavam e murmuravam algo, enquanto Marjorie era absolutamente profissional. Tinha estilo e desembaraço. Ainda me lembro de seus discursos.”

Embora não tivessem começado a namorar seriamente até ele voltar da missão, foi um daqueles discursos joviais de Marjorie Pay que prendeu a atenção dele. “A primeira vez que a vi foi na Primária”, diz o Presidente Hinckley com um sorriso. “Ela estava fazendo um discurso. Não sei o que me aconteceu, mas nunca o esqueci. Ela então se tornou uma moça linda e eu tive o bom senso de casar-me com ela.”

Os Hinckleys casaram-se em 29 de abril de 1937 e tiveram três filhas e dois filhos: Kathleen H. Barnes, Richard Gordon, Virginia H. Pearce,



Embora sejam figuras públicas, o Presidente e a Irmã Hinckley mantêm, longe dos olhos do público fortes laços com a família que continuam a crescer. À esquerda: O Presidente Hinckley ajuda a arrumar o laço da gravata borboleta de um neto, antes da recepção de um casamento na família. À direita: Abraçando três de seus netos. Abaixo: A Irmã Hinckley, descrita por uma filha como a líder de torcida da família, ao piano.

Clark Bryant e Jane H. Dudley. Depois vieram 25 netos e 13 bisnetos.

“Meu marido sempre ensinou pelo exemplo”, diz a Irmã Hinckley com uma admiração evidente. “Durante todos esses anos de casamento eu nunca o ouvi repreendendo os filhos. Eles simplesmente sabiam o que era esperado deles, porque observavam o pai.

Por esta razão”, continua, “ele sempre foi um exemplo para todos. Nunca o ouvi dizer ou fazer algo indigno de um Apóstolo. Mas não me interprete mal”, ela ri. “De forma alguma ele é fanático. Tem um ótimo senso de humor, mas nunca saiu da linha. Acho que ele é maravilhoso!”

Não é nenhuma surpresa que o Presidente Hinckley e os filhos achem que a irmã Hinckley também seja uma pessoa maravilhosa. “Minha mãe é sincera”, diz a filha mais velha, Kathleen. “É completamente pura. É amiga de todos e está sempre elogiando todas as

peçoas, seja o leiteiro, o carteiro ou o lixeiro.”

Jane, a filha mais nova, lembra da mãe como a líder da torcida. “Ela sabia de tudo que estávamos fazendo, de tudo que nos interessava e o mesmo se dá com relação aos netos. Ela adorava ter-nos em casa depois da aula e ficava ansiosa pela chegada das férias. Outras mães ficavam felizes quando as aulas começavam, mas a mamãe chorava! Ficava triste porque a estávamos deixando.”

Com um sorriso entusiasmado, Richard, um dos filhos, lembra-se da vez que teve de ficar de castigo depois da aula. A irmã Hinckley ficou com o coração apertado quando não viu o filho chegar em casa com os outros. Então, de repente, ela apareceu na sala de aula e disse ao professor: “Você pode fazer o que quiser com o menino o dia inteiro, mas depois das três da tarde ele é meu!”

O Presidente Hinckley pôde levar



FOTOGRAFIA DE EIDONIK LINSCHOTEN



FOTOGRAFIA DE ELDONK - LINSCHOTEN



À esquerda: Enquanto visitavam a Nova Zelândia, em novembro de 1989, o Presidente e a Irmã Hinckley posam com algumas crianças vestindo o tradicional traje maori. À direita: O ilustre Tofilau E. Alesana, primeiro ministro de Samoa, entrega ao Presidente Hinckley uma taça cerimonial em 1990. Um companheiro disse o seguinte a respeito de Presidente Hinckley: “Nenhum homem, na história da Igreja, visitou tantos lugares distantes no mundo, tendo em mente o único propósito de pregar o evangelho, abençoar e edificar os santos e promover a redenção dos mortos.”



FOTOGRAFIA DE PEGGY JELINGHAUSEN

a mulher em muitas viagens pelo mundo. “Quando viajava, a irmã Hinckley escrevia cartas fascinantes”, lembra-se Kathy, “e fazia um relato completo quando chegava em casa. As atrações turísticas, os sons, as lembranças—tudo. Era uma super-produção!

Lembro-me, por exemplo, da bela descrição das atividades na dedicação do Templo de Seul. O relato incluía uma descrição dos trajes típicos usados pelas irmãs coreanas que ela observou quando, com o papai e a comitiva oficial, deixou o templo. Ela reviveu tudo—e ajudou-nos a viver—com um relato entusiasmado de todos os aspectos da experiência, principalmente as lindas roupas daquelas irmãs. Bem no meio dessa conversa fascinante, meu pai disse: “Que roupas?” Essa é a diferença entre o papai e a mamãe.”

Em todos esses anos de serviço e viagens, o Presidente Hinckley teve muitas oportunidades de abençoar

os santos—literalmente abençoá-los, impondo-lhes as mãos—em vários países.

Em setembro de 1972, o recém-ordenado Presidente da Igreja, Harold B. Lee, pediu que o Élder Hinckley o acompanhasse em uma viagem histórica pela Europa e pelo Oriente Médio. Seria a primeira visita de um Presidente da Igreja à Terra Santa em quase 2.000 anos.

“Naquela viagem, o Presidente Lee ficou muito doente”, lembra o Presidente Hinckley. “Certa noite, já tarde, a irmã Lee perguntou se eu poderia abençoar seu marido. O Presidente Edwin Q. Cannon, da Missão Suíça, estava viajando conosco nessa designação e pedi-lhe que me ajudasse a abençoar o Presidente. Nós o fizemos e, depois, preocupados com a saúde do Presidente Lee, fomos dormir.

Tarde da noite, o Presidente Lee começou a tossir. Era uma tosse forte e terrível, que durou algum tempo.

Como estávamos acomodados em quartos vizinhos, podia ouvi-lo bem. Tossiu muito. Finalmente a tosse parou e voltei a dormir, grato por ele ter recebido auxílio.

O irmão Lee nada disse a respeito do assunto no dia seguinte mas, no segundo dia, disse-me: 'Tivemos que chegar à terra dos milagres a fim de testemunhar um milagre dentro de nós mesmos!' Ele então me contou como, sentindo-se mal, tossiu e cuspiu um grande coágulo de sangue. Pouco mais de um ano depois, ele faleceu de embolia pulmonar."

Com certeza, um dos momentos mais desafiadores de sua vida foi quando, em 1981, o Presidente Kimball chamou o Élder Hinckley para servir como Conselheiro na Primeira Presidência. Embora tivessem problemas de saúde, a Primeira Presidência estava completa, com o Presidente Kimball, o Presidente N. Eldon Tanner e o Presidente Marion G. Romney ainda trabalhando. Contudo, em um momento de inspiração e boa saúde, o Presidente Kimball pediu que o Élder Hinckley se unisse à Primeira Presidência como Conselheiro—um terceiro conselheiro, uma situação com muitos precedentes na história da Igreja.

"Quando aceitei o chamado do Presidente Kimball para unir-me a eles, não sabia exatamente quais seriam meus deveres e, talvez, eles também não o soubessem no

momento", diz o Presidente Hinckley. "Contudo havia necessidade de auxílio e eu estava mais que disposto a ajudar. Eu não sabia se seria por alguns dias ou alguns meses."

E aconteceu: O Presidente Hinckley nunca mais deixou a Primeira Presidência da Igreja. Em 1982, o Presidente Tanner faleceu; o Presidente Romney foi chamado como Primeiro Conselheiro e o Presidente Hinckley foi apoiado como Segundo Conselheiro.

"Aquele era uma responsabilidade muito pesada", diz o Presidente Hinckley. "Às vezes era quase um fardo apavorante. Aconselhava-me, é claro, com os Irmãos dos Doze.

Lembro-me de uma ocasião em particular em que me ajoelhei perante o Senhor para pedir ajuda, em meio a uma situação difícil. E então vieram-me à mente estas palavras: '(. . .) Sossegai e sabei que eu sou Deus' (D&C 101:16). Fortaleci meu testemunho de que esta é Sua obra, que Ele não a deixaria fracassar, que tudo que eu precisava fazer era trabalhar nela e dar o melhor de mim e que a obra avançaria sem qualquer impedimento.

'Tudo estará bem. Continua tentando. Sê crente. Sê feliz. Não desanima. Tudo sairá bem.'"

Estas e outras experiências semelhantes treinaram o Presidente Hinckley para a sagrada responsabilidade que agora tem. "O Presidente

Hinckley pode fazer qualquer coisa", diz o amigo B. Z. Bud Kastler, um líder comunitário e comerciante aposentado. "Eu o comparo ao general americano George Patton, um grande militar conservador que se adaptou às mudanças das forças armadas. O Presidente Hinckley é uma pessoa tradicional e muito devota, que nos guiará para as mudanças do século vinte e um."

Talvez ninguém tenha chegado à Presidência da Igreja tão bem preparado para essa responsabilidade. Durante seus 60 anos na administração da Igreja, ele conheceu pessoalmente todos os Presidentes da Igreja, desde Heber J. Grant a Howard W. Hunter—oito profetas modernos; o Presidente Hinckley foi ensinado por eles e, de uma ou outra forma, trabalhou com todos eles. Como diz um de seus colegas: "Ninguém, até este ponto da história da Igreja, viajou a tantos lugares distantes com o único propósito de pregar o evangelho, abençoar e elevar os santos e promover a redenção dos mortos."

Lembrando-se das noites claras e estreladas de sua juventude, o Presidente Hinckley disse recentemente à Igreja: "Poucos ainda conseguem ver a Estrela Polar. Vivemos em centros urbanos e as luzes da cidade prejudicam-nos a visão do maravilhoso firmamento acima de nós. Não obstante, como vem acontecendo há séculos, a estrela continua em

O Presidente Hinckley cumprimenta o Presidente Howard W. Hunter, então Presidente do Quórum dos Doze, na comemoração do octogésimo aniversário do Presidente Hinckley. Cinco anos mais tarde, em 12 de março de 1995, o Presidente Hinckley tornou-se Presidente da Igreja.

seu lugar, como um guia e âncora em sua constância.” (*Ensign*, maio de 1989, p. 67).

O mesmo pode-se dizer do Presidente Gordon B. Hinckley ao assumir o santo ofício para o qual foi chamado—profeta, vidente, revelador, Presidente do Sumo Sacerdócio e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Da mesma forma que os

profetas que o antecederam e a certeza do evangelho de Jesus Cristo que os guia, ele está no lugar designado. Continua resolutos e valente. Sua constância, sua obra e sua fé—firmes como as montanhas a sua volta—são uma âncora para todos nós. Certamente, a melhor coisa que podemos fazer para apoiá-lo em seu chamado é avançar, avançar, avançar! □





FOTOGRAFIA DE TOM SMART, DESERET NEWS

O Presidente Gordon B. Hinckley e seus conselheiros, Presidente Thomas S. Monson e Presidente James E. Faust, cumprimentam membros do Quórum dos Doze em sua primeira conferência geral como Presidente da Igreja. Quando lhe perguntaram, em uma entrevista à imprensa, qual seria o ponto central de sua administração, o Presidente Hinckley disse: Avançar. Sim, continuar a grande obra de nossos predecessores.

“Mais grata Oração”

“E oraram por aquilo que mais desejavam” (3 Néfi 19:9).

Em Seu ministério terreno, o Salvador ensinou, tanto por meio de palavras como pelo exemplo, a importância da oração. Ele orou para receber orientação e força para Si próprio e para outrem. Orou pelas criancinhas (ver Mateus 19:13-15), por Pedro, para que sua fé não esmorecesse (ver Lucas 22:31-32), por Seus discípulos (ver João 17:9), por todos que Nele cressem (ver João 17:20) e até mesmo pelos que viriam a crucificá-lo (ver Lucas 23:34). Orou prolongadamente antes que Seus apóstolos principais recebessem as chaves do sacerdócio (ver Lucas 9:28-36). No Getsêmani, “posto em agonia, orava mais intensamente” (Lucas 22:44).

ORAR COM REAL INTENÇÃO

A oração não é um ritual indiferente, mas constitui comunicação direta com o Pai Celestial e ocorre quando, em humildade, nos aproximamos Dele com “um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo”. Essa comunicação é de tal importância que as mensagens que o Pai deseja que recebamos são normalmente transmitidas pelo terceiro membro da Trindade — o Espírito Santo. (Ver Morôni 10:4-5.)

Nossas mais sinceras orações frequentemente ocorrem nos momentos mais difíceis da vida. Porém, todas as nossas orações devem ser específicas e ter um propósito. É-nos aconselhado clamar ao Senhor por misericórdia, clamar por nossos familiares, e clamar contra o poder de nossos inimigos. É-nos ensinado que

devemos orar continuamente por nosso próprio bem-estar assim como pelo bem-estar de todos os que nos rodeiam (ver Alma 34:18-27). Em nossas orações, devemos também manifestar gratidão e reconhecimento pelas bênçãos que o Pai Celestial nos concede.

Mesmo a oração mais simples pode ser específica. Agradecemos a nosso Pai Celestial as bênçãos específicas de cada dia. Podemos buscar ajuda no que diz respeito a cada um de nossos filhos. Podemos também orar pedindo auxílio para desempenharmos nossos cargos na Igreja e força para sobrepujar as fraquezas e os pecados. Na Estaca de Kitchner, localizada na Província de Ontário, no Canadá, algumas professoras visitantes lembram-se, pelo nome, de cada uma das irmãs que visitam ao fazerem suas orações pessoais diariamente. Uma delas conta: “Notei algumas mudanças maravilhosas em

meus sentimentos pelas irmãs que visito. Ao orar, meus pensamentos e meu coração abrem-se ao Espírito e sinto-me inspirada no tocante a suas necessidades.”

ORAR COM FÉ

A oração é um ato de fé por meio do qual fazemos uma solicitação ao Pai Celestial a respeito do que necessitamos. Não é uma maneira de mudar a Deus, mas sim de mudar a nós mesmos ao submetermos nosso ânimo e coração à Sua vontade.

Quando uma irmã da cidade de Bountiful, no Estado de Utah, foi acometida de uma séria doença que a incapacitou, ela alegou que seria capaz de servir melhor ao Senhor se Ele removesse suas dificuldades. Após orar durante meses pedindo para ser curada, encontrou a fé para aceitar as limitações e para confiar na vontade do Senhor. Anos mais tarde, percebeu que crescera ao suportar as dificuldades e que fora uma fonte de inspiração para muitos.

O Élder Dallin H. Oaks disse: “A convicção de que o Senhor conhece mais do que nós conhecemos e de que Ele atende nossas orações da maneira que seja a melhor para nós e para todos os Seus outros filhos é um ingrediente fundamental da fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” (Ensign, maio de 1994, p. 99)

• *Quais são algumas das bênçãos específicas pelas quais podemos demonstrar gratidão?*

• *Como conseguiremos tornar nossas orações mais significativas?* □

ILUSTRAÇÃO DE LYNN FARRAR



Remédio para o Espírito

Michaela Bladová

Como menina que cresceu na Tchecoslováquia sob regime comunista, sempre tentei descobrir o propósito de minha vida. Ao observar meus pais e outros adultos a meu redor, pensava: “É essa a vida que terei de levar após concluir meus estudos? Será que estarei sempre cansada, infeliz e sem qualquer liberdade?” A vida parecia sem propósito.

Não acreditava em Deus porque ninguém jamais me ensinara a Seu respeito. Na realidade, os comunistas ensinavam nas escolas que não havia Deus, nem vida após a morte, nem espírito. “Então por que existo?” pensava. Sem propósito na vida, não tinha desejo algum de ser melhor. Era muito infeliz.

Num dia em 1989, enquanto cursava a universidade, uma de minhas colegas convidou-me para uma reunião onde um pequeno grupo de jovens ouvia as palavras de um homem mais velho. Ele falava com grande autoridade e fiquei impressionada. Fiquei sabendo que se chamava Otakar Vojkúvka e era de Brno, na Tchecoslováquia. Ele era membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Enquanto falava de Deus e a respeito do propósito da vida, eu sabia que dizia a verdade. Suas palavras serviam de remédio para meu espírito! Fiquei muito feliz.

Repentinamente, passei a saber que não era um pedaço de matéria sem qualquer valor que vivia por mero acaso. Eu era, na verdade, uma filha de Deus! Recebi o Livro de Mórmon, li-o, e não tive dúvida alguma sobre sua veracidade. Quando descobri essas verdades, tive a impressão de que eu já as conhecera anteriormente. Parecia-me estar despertando, removendo

óculos escuros e finalmente vendo a verdade claramente.

Naquela época, não era permitida a entrada de missionários na Tchecoslováquia. Mas naquele outono, os tchecos ganharam a liberdade por meio da “revolução de veludo” e a Igreja foi oficialmente reconhecida no país em 1990. Fui batizada em maio daquele ano.

Minha vida mudou radicalmente. Era uma alegria estudar porque agora havia um propósito na vida. Fiz muitos amigos, tentava ser uma pessoa melhor e fazer o que era certo, e comecei a perceber o que é a felicidade. Finalmente sabia por que eu existia.

Com essa alegria e esse propósito recém-descobertos, senti um grande desejo de servir como missionária. Em maio de 1992, dois anos após o batismo, recebi o chamado para servir na própria Tchecoslováquia. Logo me encontrei com as malas na estação rodoviária de minha primeira cidade, que não fica muito longe de casa. Senti-me realmente feliz durante a missão. Aprendi paciência e tolerância e tive o maravilhoso privilégio de partilhar com outros o que aprendera a respeito do propósito e do significado da vida.

Terminei agora a missão e moro em Praga, na República Tcheca. Às vezes, encontro pessoas que ensinei quando missionária, algumas das quais foram batizadas. Ainda somos amigos. Sou feliz agora pois sei o que significa amar, servir e ter caridade. Desejo viver de tal modo que cumpra o propósito de minha vida na Terra. E isso só é possível por meio do evangelho de Jesus Cristo. □

Michaela Bladová foi a primeira jovem da República Tcheca a servir uma missão de tempo integral.



FOTOGRAFIA DE MARIBEL CARONER

UM PASSO VACILANTE DE CADA VEZ

Albert Peters

Nunca me esquecerei da mudança na vida de Atiati quando conheceu o evangelho. Contudo, nada me preparara para o milagre de seu batismo.

Já se passaram quase três décadas, mas ainda tenho vívidas lembranças do dia em que conheci Atiati. Como jovem missionário servindo nas ilhas de Samoa já aprendera muito, mas nada me preparara para Atiati.

Meu companheiro, élder Matagi e eu havíamos visitado a aldeia de Sasina muitas vezes mas sem obter muito resultado. Ao chegarmos na aldeia naquele dia em especial, não vimos adulto algum. Só encontramos crianças, que nos disseram haver a maioria dos adultos ido a uma aldeia próxima para assistir a um casamento. Mencionaram também que o único adulto por ali era Atiati.

Nunca ouvíamos falar desse homem, de modo que perguntamos às crianças onde ele morava. Elas nos explicaram e um grupinho de curiosos seguiu-nos ao nos dirigirmos para lá.

Localizada nos arredores da aldeia, a casa de Atiati parecia ameaçadora. Fazia sol, mas todas as venezianas estavam fechadas. Quando perguntamos às crianças o porquê, elas começaram a rir. "Entrem e descubram", responderam-nos.

Ao nos aproximarmos da casa, chamei. Ouvi um ruído que parecia indicar dor. Um dos meninos mais velhos correu à frente e abriu uma veneziana, gritando: "Atiati, os mórmons querem vê-lo". A seguir, as crianças saíram correndo.

Com relutância, o élder Matagi e eu entramos na casa. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, notei uma cama em um canto da casa. Lá se encontrava uma criatura contorcida, sem barbear-se e de má aparência. Senti um desconforto tão grande que teria saído dali rapidamente não estivesse o élder Matagi segurando meu braço com tanta força. Ao nos acalmarmos, percebemos que a criatura tentava falar. Aproximei-me e perguntei se eu poderia abrir as venezianas para que ele nos visse na claridade.

Quando a luz penetrou na casa, notamos que Atiati era aleijado do pescoço para baixo e seus braços e pernas eram atrofiados. Atendendo a seu convite, sentamo-nos e



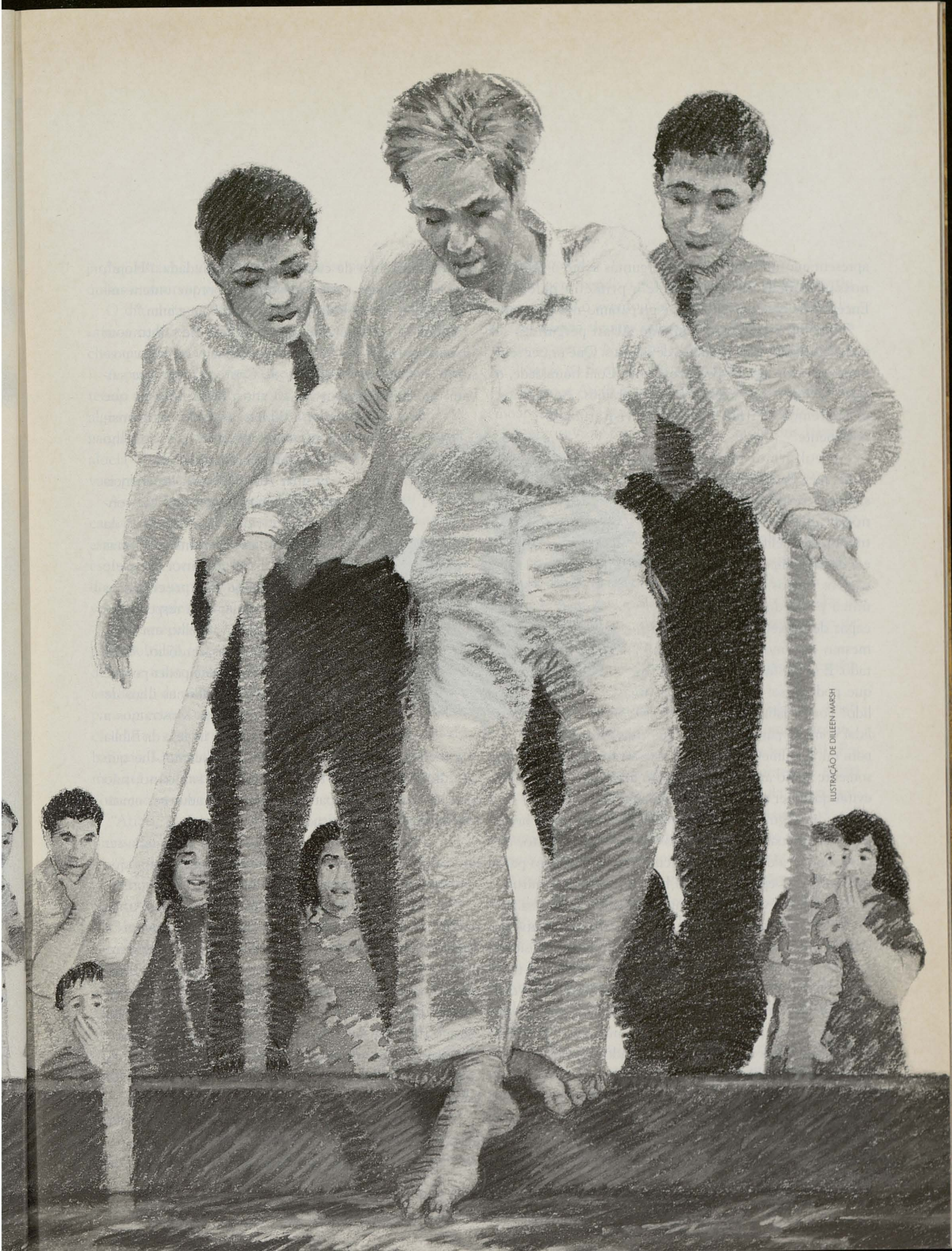


ILUSTRAÇÃO DE DILLEN MARSH

apresentamo-nos. Ele nos fez perguntas sobre a Igreja e nossas crenças, e demos a ele a primeira palestra. Encerramos com testemunhos e preparamo-nos para sair.

Senti-me emocionado quando Atiati perguntou se poderíamos orar com ele antes de sairmos. Que prazer sentimos ao ouvir alguém pedir para orar! Com humildade, o élder Matagi e eu ajoelhamo-nos e oramos. Ao sairmos, prometemos a Atiati que logo o visitaríamos novamente.

Ao voltarmos para casa naquela noite, meu companheiro e eu conversamos a respeito da situação de nosso novo amigo. Atiati contraía poliomielite havia 22 anos e a doença impossibilitava-o de usar os braços e as pernas. A única parte do corpo que era capaz de mexer era o pescoço e mesmo este movimento era limitado. E se ele fosse convertido? Será que poderia ser batizado sendo inválido? Pouco sabíamos a respeito de como lidar com um paralítico e sentíamo-nos ineptos para tal. Finalmente chegamos ao acordo de visitar Atiati somente como amigos, e não como missionários, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento para ele.

No dia seguinte fomos novamente a Sasina. Havia diversas pessoas que queríamos visitar. No entanto, ao chegarmos à aldeia, todos pareciam muito ocupados para nos escutar. Depois de várias horas de trabalho infrutífero, decidimos visitar Atiati antes de voltar para casa.

Ao entrarmos, imediatamente percebi que houvera alguma mudança. Atiati estava deitado na mesma posição em que provavelmente estivera nos últimos 22 anos, mas havia algo diferente. O Atiati com que faláramos no dia anterior não tinha o desejo de viver. Falava com a voz muito fraca e sua aparência era descuidada. O homem que estava agora a nossa frente, deitado na cama, tinha um sorriso nos lábios. Numa voz límpida, convidou-nos a entrar e pediu-nos que sentássemos próximo a sua cama. Ele havia sido barbeado e suas roupas trocadas.

Vendo nossas expressões de surpresa, Atiati explicou-nos que pagara uma pessoa para barbeá-lo e banhá-lo. Até

mesmo sua roupa de cama havia sido mudada. “Hoje”, disse ele, “começo a viver novamente porque ontem minhas orações foram atendidas e vocês vieram a mim.”

Olhando-me diretamente nos olhos, ele continuou: “Espero há mais de 20 anos que alguém me diga possuir o evangelho verdadeiro de Cristo. Quero que saibam que durante mais de 20 anos, nada mais fiz que ficar deitado e ler a Bíblia. Se o que vocês ensinam for mesmo o verdadeiro evangelho de Cristo, saberei reconhecê-lo.”

Ensinar Atiati foi uma experiência da qual jamais esquecerei. Ele conseguia citar alguns trechos da Bíblia quase literalmente. Suas perguntas eram sinceras e ele rapidamente compreendia os conceitos. Falamos a respeito dos princípios do evangelho em detalhes, incluindo o sacerdócio. Atiati nada sabia acerca deste poder porque a versão da Bíblia usada nas ilhas de Samoa não o mencionava. Mostramos a ele várias referências da versão inglesa da Bíblia que incluíam a palavra *sacerdócio* e explicamos-lhe que quando a Bíblia fora traduzida para o samoano, não havendo uma palavra para *sacerdócio*, os tradutores omitiram a palavra e o significado.

Em pouco tempo, Atiati foi convertido. Ele queria ser batizado e receber o sacerdócio. Agora tínhamos que conseguir uma maneira de batizá-lo.

Estabeleceu-se o dia e o local do batismo. Atiati pediu-nos que jejuássemos com ele a fim de termos a força necessária para suportar a prova física que seria seu batismo. Pedimos ao líder do distrito e seu companheiro que nos ajudassem. Alguns dos habitantes da aldeia zombavam de uma igreja que não conheciam e alguns até mesmo ridicularizavam Atiati devido a suas deficiências. Por essas razões, poucas pessoas na aldeia foram comunicadas sobre o batismo; não desejávamos atrair uma multidão de escarneedores.

Marcamos o batismo para a capela de Fagamalo, uma aldeia a mais ou menos treze quilômetros de distância. A pia batismal, localizada na frente da capela no meio do



jardim, estava à vista de quem passasse pelo local. Quem quisesse observar poderia fazê-lo da rua.

O dia chegou. A fim de evitar atrair uma multidão, saímos cedo para buscar Atiati. No entanto, quando lá chegamos, a casa de Atiati estava cercada de gente.

A princípio, pensamos que algo terrível tivesse acontecido com ele durante a noite. Mas ao sairmos do carro, alguém gritou: "Atiati, os mórmons vão afogar você." As gargalhadas ecoaram. De algum modo, os habitantes da aldeia ficaram sabendo do batismo de Atiati e ali estavam para ridicularizá-lo.

As risadas continuaram ao carregarmos Atiati para o carro. Sentíamos-nos desanimados, mas a fé de Atiati não esmorecia. No caminho de Fagamalo, todos desejávamos esquecer o incidente em Sasina e falamos de trivialidades. Ao chegarmos, entretanto, ficamos horrorizados de ver a rua repleta de pessoas zombeteiras.

Ao carregarmos Atiati em direção à capela, passando pela multidão ofensiva, tive de lutar contra sentimentos de ira e frustração. O líder do distrito, sentindo nosso estado e o da multidão que se aglomerava do lado de fora para apreciar o espetáculo, prestou um testemunho emocionante e espiritual a respeito da importância do batismo. Quando terminou, pegamos Atiati e o carregamos até a pia batismal. Ao sairmos da capela, as afrontas começaram novamente.

"Atiati, seu velho bobo, você não sabe que os mórmons vão afogá-lo?"

"Atiati, você sabe nadar?"

"Ande logo, mórmons, joguem um pouco de água na cabeça dele, uma vez que ele não pode ser imerso!"

Sentíamos as forças do mal cercarem-nos ao nos prepararmos para uma das mais sagradas ordenanças do evangelho. Atiati havia-me pedido que o batizasse. Entrei na água e voltei-me para ajudar os élderes carregar Atiati para dentro da água. Ao estender meus braços para ele, Atiati olhou-nos e disse: "Por favor, coloquem-me no chão."

Fiquei desolado. Tive medo que Atiati, resolutivo e decidido durante todas as semanas em que lhe ensinamos o evangelho, iria agora desistir. Hesitamos, e mais uma vez ele pediu que o colocássemos no chão.

A multidão percebeu que algo estava acontecendo. A zombaria e as gargalhadas aumentaram. Nossa fé em

Atiati esmoreceu.

Atiati, percebendo o porquê de nossa hesitação, sorriu e disse: "Este é o evento mais importante de minha vida. Sei, sem dúvida alguma, que esse é o único caminho para a salvação eterna. Não serei carregado para minha salvação! Terei fé no Senhor e em Sua ajuda."

Colocamos Atiati no chão. Os que haviam vindo para zombar sentiam-se recompensados. Para eles, parecia que Atiati recusava o batismo e que os mórmons haviam falhado.

Atiati pediu-nos que levantássemos suas mãos para que pudesse segurar o corrimão. Com enorme esforço, tentou levantar-se. As gargalhadas começaram a diminuir. Com o corpo tremendo e a testa banhada de suor, Atiati pôs-se em pé. Todos ansiávamos por ajudá-lo, mas não ousávamos. Estamos sendo testemunhas de um milagre. Um homem que estivera preso ao leito, com todas as juntas atrofiadas, incapaz de andar ou até mesmo de levantar os braços, estava agora em pé.

A multidão estava em silêncio, espantada. Ninguém se movia ou falava.

Vagarosamente, um passo vacilante de cada vez, Atiati entrou na água. Assombrado com o que estava acontecendo, eu nem me lembrava da oração batismal. Foi somente após algumas palavras reconfortantes de Atiati que consegui me dominar e realizar a sagrada ordenança. Após o batismo, Atiati pediu que o carregássemos da pia batismal para a capela, onde o confirmamos membro da Igreja e conferimos-lhe o dom do Espírito Santo.

Atiati continuava a servir de inspiração. Com uma bengala, ele rapidamente desenvolveu a capacidade de andar sem ajuda. O ramo da Igreja mais próximo ficava a quase cinco quilômetros de distância na aldeia de Aopo, onde se chegava por uma subida íngreme. Todos os domingos, Atiati saía de casa às quatro da manhã de modo a poder chegar antes da reunião, que começava às dez horas.

Na última conversa que tive com Atiati, perguntei-lhe como sabia que seria capaz de andar na manhã do batismo. Ele respondeu-me: "Élder Peters, a Bíblia ensina que a fé remove montanhas. Uma vez que a fé consegue remover uma montanha teimosa, nunca tive dúvidas que poderia consertar minhas pernas e meus braços." □

NOVA LUZ A RESPEITO DA VIDA MORTAL E DOS ENSINAMENTOS DE JESUS

Por meio das revelações dadas ao Profeta Joseph Smith, os membros da Igreja possuem diversas informações novas a respeito de Jesus Cristo.

Por exemplo: Sabemos que Jesus foi escolhido na existência premortal, que criou mundos sob a direção do Pai, que apareceu e orientou profetas no Velho e no Novo Mundo antes do início de Sua vida mortal, que, como ser ressuscitado, apareceu a muitas pessoas no Novo Mundo, que em 1820 apareceu com Seu Pai e chamou Joseph Smith para ser profeta e que, no devido tempo, Ele voltará novamente para ser visto por todos.

Além disso, sabemos muitas coisas específicas sobre o ministério mortal do Salvador. Segue-se uma parte desse novo conhecimento que os santos dos últimos dias têm, devido às revelações e escrituras adicionais dadas ao Profeta Joseph Smith. Muitas das informações provêm da tradução do profeta de trechos da versão [inglesa da Bíblia conhecida como] do Rei Tiago. Essa tradução [do Profeta], conhecida atualmente como Tradução de Joseph Smith, foi um trabalho que ele descreveu como sendo “um apêndice do meu

chamado” (*History of the Church*, 1:238), uma idéia enfatizada na oitava regra de fé: “Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, *o quanto seja correta sua tradução*” (grifo nosso). Para efeitos de simplificação, o termo *Tradução de Joseph Smith* é identificado neste artigo pela abreviação TJS. (N. do T.: A edição em língua portuguesa da *Tradução de Joseph Smith*, também conhecida como *Versão Inspirada*, será publicada futuramente.)

Os comentários sobre cada uma das correções textuais e acréscimos feitos pelo Profeta Joseph Smith, mencionados a seguir, são, propositalmente, breves. Ao ler cada um dos pontos, estude também os versículos relacionados na Bíblia, de modo que os comentários sejam vistos dentro dos contextos adequados nas escrituras.

1. O nascimento de Jesus foi anunciado no Novo Mundo por meio de sinais. No Velho Mundo, os magos viram “a sua estrela no oriente” (Mateus 2:2). No Novo Mundo, uma história diferente, mas correlata, desenrolou-se conforme registrada no Livro de Mórmon, traduzido por Joseph Smith. Cinco anos antes do nascimento do grande Redentor, Samuel, o profeta lamanita,

profetizou que “(...) na ocasião de sua vinda (...) haverá grandes luzes no céu, de modo que na noite anterior a sua vinda não haverá escuridão (...)

Portanto haverá um dia e uma noite e um dia, como se fosse um só dia e não houvesse noite (...)

E eis que uma nova estrela aparecerá, uma que nunca vistes antes (...) (Helamã 14:3-5)

E aconteceu que as palavras (...) se cumpriram” (...) (3 Néfi 1:15)

2. Os magos chegaram algum tempo após o nascimento de Jesus.

O tempo passou. Ainda nos dias do rei Herodes, os magos foram do oriente para Jerusalém. A TJS esclarece que eles perguntaram onde poderiam encontrar *a criança* que havia nascido — não um recém-nascido, conforme a maior parte das traduções dá a entender. Os magos descreveram a criança como o Messias dos judeus (ver TJS Mateus 3:1-2; comparar com Mateus 2:2) em vez de como o *rei* dos judeus.

Ao ouvir as palavras dos magos, Herodes reuniu todos os sacerdotes principais e escribas e exigiu saber que lugar havia sido profetizado como o do nascimento de Cristo. A TJS acrescenta que Herodes temia



ILUSTRAÇÕES DE ROBERT T. BARRETT

R.T. BARRETT



**O Salmo de Louvor de Maria. Maria
alegra-se com a prima Isabel a
respeito da criança que está
carregando, o Filho de Deus.
(Ver Lucas 1:39-56.)**

enormemente, mas não acreditava nos profetas. (Ver TJS Mateus 3:4; comparar com Mateus 2:4.)

Os sacerdotes e escribas disseram a Herodes que os profetas haviam afirmado que Cristo nasceria em Belém de Judéia. Em algumas traduções [da Bíblia], Belém é mencionada como um príncipe da Judéia, mas a TJS esclarece que *Cristo é quem seria o príncipe*. (Ver TJS Mateus 3:6; comparar com Mateus 2:6.)

3. Nova compreensão a respeito da juventude de Jesus.

■ Quando Jesus tinha doze anos, Maria encontrou-o no templo com os doutores da lei. Na maioria das traduções da Bíblia, fala-se de Jesus “ouvindo” e “interrogando” os doutores. Mas a TJS esclarece que eram os *doutores* que estavam ouvindo e fazendo perguntas a Jesus. (Ver TJS Lucas 2:46.)

■ O Profeta Joseph Smith afirmou: “Até Jesus, o Filho de Deus, teve (...) de reprimir Seus sentimentos pelo Seu próprio bem e pelo bem de Seus discípulos e viu-se obrigado a descobrir os justos propósitos de Seu coração a respeito de muitas coisas que se relacionavam com o reino de Seu Pai. Quando ainda menino, já possuía toda a inteligência necessária que Lhe permitiria reinar e governar o reino dos judeus e discutir com os mais sábios e eruditos doutores da lei e da teologia; e comparadas com a Sua sabedoria, as teorias e práticas

daqueles homens instruídos pareciam tolices. Todavia era uma criança, e faltava-Lhe força física para defender Sua própria pessoa; e estava sujeito ao frio, à fome e à morte. (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 384.)

Na TJS aprendemos que Jesus cresceu com Seus irmãos, tornou-Se forte e esperou muitos anos no Senhor até chegar a hora de Seu ministério; que Ele serviu sob a direção de Seu pai (José) e não falava como outros homens; e que Ele não podia ser ensinado, pois não precisava que homem algum O ensinasse. (Ver TJS Mateus 3:24-26.)

4. Atendendo ao pedido feito por Maria no banquete das bodas, Jesus perguntou-lhe como podia ser útil. Na maioria das traduções da Bíblia, a resposta que Jesus dá a sua mãe, Maria, quando esta Lhe solicita ajuda nas bodas de Caná, parece um pouco fria: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.” (João 2:4) Na TJS, as palavras de Jesus demonstram muito mais respeito por ela. Ele diz que fará o que ela Lhe pedir, pois Sua hora ainda não era chegada. (Ver TJS João 2:4.)

5. Jesus foi ao deserto para estar em comunhão com Deus. Ao invés de ter ido ao deserto para ser tentado pelo diabo como a maior parte das Bíblias afirma, a TJS diz que Jesus foi lá para estar com Deus.

(Ver TJS Mateus 4:1.) Somente após Jesus ter jejuado por 40 dias e ter estado em contato intenso com Deus, foi permitido ao diabo tentá-lo (ver TJS Mateus 4:2). Apesar disso, durante o período de 40 dias, Satanás *procurou* tentá-Lo. (Ver TJS Marcos 1:10-11.)

6. O Espírito levou Jesus ao pináculo do templo.

■ O Senhor revelou a Joseph Smith que não foi Satanás, mas sim o *Espírito*, quem levou Jesus a Jerusalém e colocou-O no pináculo do templo. (Ver TJS Mateus 4:5.) Foi só então que o diabo se aproximou Dele. (Ver TJS Mateus 4:6; ver também TJS Lucas 4:9.)

■ De modo semelhante, o Senhor revelou que Satanás não levou Jesus a um alto monte, mas que Jesus estava no Espírito e o *Espírito* levou-O e mostrou-Lhe os reinos do mundo. Foi só então que o diabo apareceu e disse que daria todas aquelas coisas a Jesus. (Ver TJS Mateus 4:8-9; ver também TJS Lucas 4:5.)

7. Jesus batizava. A maioria das traduções dizem que o próprio Jesus não realizou batismos, mas a TJS explica que Jesus *os realizou* — só que em menor quantidade que os discípulos. Ele permitia que eles batizassem como um exemplo de que deveriam dar oportunidades uns aos outros de batizar e liderar. (Ver TJS João 4:3-4.)



(Esquerda) **A Natividade.** Maria, o menino Jesus e José (ver Lucas 2:4-7). **Simeão com o Menino Jesus nos Braços.** Simeão dá graças a Deus por ter visto a salvação de Israel, como prometido a ele. (Ver Lucas 2:25-35.)

8. No princípio do ministério de Jesus, os fariseus procuraram matá-Lo. De acordo com a maior parte das traduções, a primeira tentativa de matar Jesus aconteceu em Nazaré, próximo ao início de Seu grande ministério na Galiléia. Entretanto, a TJS revela que até mesmo no início do ministério de Jesus na Judéia, os fariseus tentaram encontrar maneiras de assassiná-Lo. Muitos deles aceitavam João como profeta, mas não acreditavam em Jesus. (Ver TJS João 4:2.)

9. Jesus não recebeu a plenitude a princípio, mas “continuou de graça em graça”. Em algum momento após a prisão de João Batista, ele talvez tenha escrito um registro de seus labores. Em 6 de maio de 1833, em Kirtland, no Estado de Ohio, o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith uma parte dos registros de João. Nesse registro, João testifica a respeito do desenvolvimento espiritual progressivo de Jesus.

“E eu, João, vi que a princípio Ele não recebeu a plenitude, mas recebeu graça por graça;

E (...) continuou de graça em graça, até receber a plenitude (...)

E recebeu todo o poder, tanto nos céus como na Terra, e a glória do Pai estava com Ele, pois habitava Nele.

(...) Ele recebeu a plenitude da verdade, sim, mesmo de toda a verdade.” (D&C 93:12-13, 17, 26)

10. Texto novo dos ensinamentos de Jesus no Sermão da Montanha.

■ No princípio de Seu ministério na Galiléia, Jesus pregou o que se conhece como O Sermão da Montanha. Está registrado na TJS que, em vez de dizer a todas as pessoas que não se preocupassem com a vida nem se inquietassem a respeito do que iriam comer ou vestir (conforme encontrado na maioria das traduções), Jesus deu instruções missionárias aos *Doze* e deu o conselho mencionado acima *apenas a eles*. Ele disse aos discípulos que sássem pelo mundo e ensinassem o evangelho, mas que não se preocupassem com o mundo, pois este iria odiá-los, perseguí-los e expulsá-los das sinagogas. Ainda assim, os discípulos deveriam ir de casa em casa ensinando o povo. Jesus prometeu que Ele iria adiante deles e que o Pai Celestial forneceria o que precisassem para alimentarem-se e vestirem-se.

(Ver TJS Mateus 6:25-27.)

■ A TJS também esclarece nosso entendimento do que Jesus disse aos discípulos a respeito dos mistérios do evangelho. Na TJS, Ele identifica a palavra *pérolas* e a expressão “as coisas santas”, mencionadas em Mateus 7:6, com os mistérios do reino. Jesus disse aos discípulos que sássem pelo mundo e chamassem todos ao arrependimento. Disse-lhes também que guardassem os mistérios do reino para si mesmos, pois não era certo dar as coisas santas aos cães (que significa “aos que não são dignos”; ver D&C 41:6) nem pérolas aos porcos, porque eles as pisariam com os pés. Jesus disse aos discípulos que o mundo não receberia o que nem mesmo eles seriam capazes de aceitar. Portanto, os discípulos não deveriam dar suas pérolas ao mundo, pois o mundo voltar-se-ia contra eles e os despedaçaria. (Ver TJS Mateus 7:9-11.)

11. Jesus ensinou que se devem realizar batismos dignamente e com autoridade divina. O Profeta Joseph Smith tomou conhecimento de um episódio do ministério do Senhor que não havia sido registrado



R. T. BARRETT



(Esquerda) **O Chamado de Pedro e André.** Jesus convida os irmãos Pedro e André para segui-Lo. (Ver Mateus 4:18-20.) **O Sermão da Montanha.** Jesus prega numa montanha que se eleva acima do Mar da Galiléia. (Ver Mateus 5-7.)



anteriormente: Durante o primeiro ano do ministério de Jesus na Galiléia, os fariseus questionaram Jesus sobre o por quê de Ele não aceitar seus batismos, uma vez que eles guardavam a lei de Moisés. Jesus respondeu que, na realidade, não guardavam a lei. Se a guardassem, eles aceitá-Lo-iam, pois fora Ele quem dera a lei. Ele disse-lhes que rejeitava seus batismos porque não tinham proveito — porque quando o novo chega, o velho é deixado de lado. (Ver TJS Mateus 9:18-21.)

12. Jesus também ensinou que o Dia do Sábado era um dia de glorificar a Deus. Durante Seu ministério na Galiléia, Jesus respondeu aos fariseus no tocante a Ele e os discípulos estarem comendo espigas de milho colhidas num campo no dia do Sábado. Foi nessa ocasião que Jesus ensinou o princípio de que “o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”. (Marcos 2:27) A TJS acrescenta que Jesus disse aos fariseus que o dia do Sábado fora dado ao homem como dia de repouso e como uma oportunidade de glorificar a Deus, e não simplesmente como um dia para

evitar alimentar-se. Jesus disse que uma vez tendo o Filho do Homem feito o dia do Sábado, o Filho do Homem era o Senhor do dia do Sábado. (Ver TJS Marcos 2:26-27.)

13. Jesus declarou abertamente quem Ele era, mais frequentemente do que se sabe. As correções textuais que o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith nos quatro evangelhos do Novo Testamento deixam claro que Jesus declarou abertamente quem Ele era, muito mais publicamente e com muito mais frequência do que está registrado nas outras traduções:

■ Jesus disse a Nicodemos que os santos profetas que haviam pregado no passado testemunharam Dele. (Ver TJS João 3:18.)

■ Quando chamou Pedro e André para unirem-se a Ele no ministério, Jesus disse que os profetas haviam escrito a Seu respeito. (Ver TJS Mateus 4:18.)

■ Em Cafarnaum, alguns homens acusaram Jesus de apresentar-se como o Filho de Deus. (Ver TJS Marcos 3:21.)

■ Após ensinar na sinagoga em Cafarnaum no dia seguinte ao dia em

que alimentara 5.000 pessoas, Jesus abertamente ensinou a respeito de Si mesmo e de Sua missão. De acordo com a TJS, Jesus disse que ninguém poderia vir a Ele, a menos que fizesse a vontade de Seu Pai, que O enviara. A vontade do Pai era de que recebessem Seu Filho, pois o Pai testemunha Dele; e aquele que recebe esse testemunho e faz a vontade do Pai será erguido por Jesus na ressurreição dos justos. (Ver TJS João 6:44.)

■ Durante o ministério do Salvador na Peréia, a TJS relata como algumas pessoas de uma multidão foram até Jesus e perguntaram-Lhe se, tendo os escritos de Moisés e dos profetas, uma pessoa que vivesse de acordo com esses ensinamentos não teria vida eterna.

Jesus respondeu-lhes que em verdade não conheciam os ensinamentos de Moisés ou dos profetas, pois, se os conhecessem, creriam Nele. O propósito desses escritos era testemunhar Dele, pois Ele fora enviado para que tivessem vida. (Ver TJS Lucas 14:35-36.)

■ Ainda em Seu ministério na Peréia, alguns fariseus zombaram de Jesus. Disseram que, por terem a lei e



**Cristo Cura o Homem com a Mão
Mirrada. Na sinagoga onde Jesus
curou o homem, o Senhor pergunta
se é lícito fazer o bem no Sábado.
(Ver Lucas 6:6-11.)**

os profetas, não receberiam Jesus como seu governante, acusando Jesus de tentar fazer-Se juiz sobre eles.

Jesus respondeu que a lei e os profetas testificavam Dele. Na realidade, todos os profetas, até João Batista, haviam predito Seus dias. Por que, perguntou-lhes Ele, ensinavam a lei mas negavam o que estava escrito e O condenavam, Ele a quem o Pai enviara para cumprir a lei de modo que todos fossem redimidos? (Ver TJS Lucas 16:16-17, 20.)

■ Joseph Smith aprendeu que no dia da crucificação de Jesus, quando Pilatos perguntou-lhe se Ele era o rei dos judeus, o Senhor não usou de palavras ambíguas, como sugere a maior parte das traduções, mas disse claramente que o era. (TJS Marcos 15:4.)

14. Jesus ensinou comprometimento total para com Ele e Seu evangelho. Próximo ao fim do ministério na Galiléia, Jesus começou a enfatizar mais claramente a devoção total a Ele e ao evangelho, exigida de quem espera mudar sua vida. Jesus disse que tomar sobre si a cruz, como mencionado em Mateus 16:24, significa negar o que não é de Deus e todos os desejos mundanos e guardar Seus mandamentos. Ele disse aos discípulos que não quebrassem Seus mandamentos, ainda que para salvar a vida, pois quem salvasse a vida neste mundo (quebrando os mandamentos) perderia a vida

eterna no mundo vindouro. Mas quem perdesse a vida neste mundo, por causa de Jesus, encontraria vida eterna no futuro. Devemos, portanto, abandonar o mundo e salvar a alma. (Ver TJS Mateus 16:26-29.)

■ Ao continuar o trabalho de tradução da Bíblia, o Profeta Joseph Smith aprendeu que deveríamos pelo menos estar *dispostos* a entregar a vida por causa do Senhor e do evangelho; se não estivéssemos dispostos a fazê-lo, perderíamos a vida eterna. Mas quem estivesse disposto a perder a vida pelo Senhor e pelo evangelho salvaria sua vida eternamente. Portanto, o Senhor aconselha-nos a não nos envergonharmos Dele. (Ver TJS Marcos 8:37-38, 40.)

■ Na TJS, Jesus diz-nos que, para sermos Seus discípulos, temos que tomar sobre nós nossas cruces e segui-Lo. A TJS esclarece que tomar sobre si sua cruz significa negar tudo o que não é de Deus e todos os desejos mundanos e guardar os mandamentos do Senhor. (Ver TJS Mateus 16:26.) O Salvador aconselha-nos, pois, a procurarmos fazer as coisas que Ele ensina e nos dá o mandamento de fazê-lo. (Ver TJS Lucas 14:27-28.)

■ A TJS revela que, durante Seu ministério na Peréia, Jesus continuou a salientar o comprometimento total que é exigido para que o evangelho faça de cada um de nós uma nova pessoa. No livro de

Mateus, encontramos um jovem rico que havia recusado vender o que tinha e dar tudo aos pobres. Disse Jesus que “é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá pois salvar-se?” (Mateus 19:24-25)

A TJS acrescenta que Jesus observou seus pensamentos e disse que, se as pessoas abandonarem tudo por causa Dele, Deus pode tornar possíveis todas as coisas das quais Ele fala. (Ver TJS Mateus 19:26.)

15. Jesus ensinou que as crianças não precisam de arrependimento. A TJS mostra que Jesus ensinou claramente a Seus discípulos que as crianças não precisam de arrependimento. No final do ministério na Galiléia, Jesus chamou uma criança para junto de Si e disse que o Filho do Homem viera para salvar todos os que estivessem perdidos e para chamar os pecadores ao arrependimento. Ele disse que as crianças não necessitavam arrepender-se e que Ele as salvaria. (Ver TJS Mateus 18:11.)

O Profeta Joseph Smith aprendeu que posteriormente, no ministério do Senhor na Peréia, os discípulos tinham essa doutrina em mente quando inadvertidamente repreenderam os que haviam trazido as crianças a Jesus para receberem

Cristo Anda sobre as Águas. Jesus ajuda Pedro que começava a afundar após estar andando sobre as águas do mar em direção a Jesus. (Ver Mateus 14:22-33.)

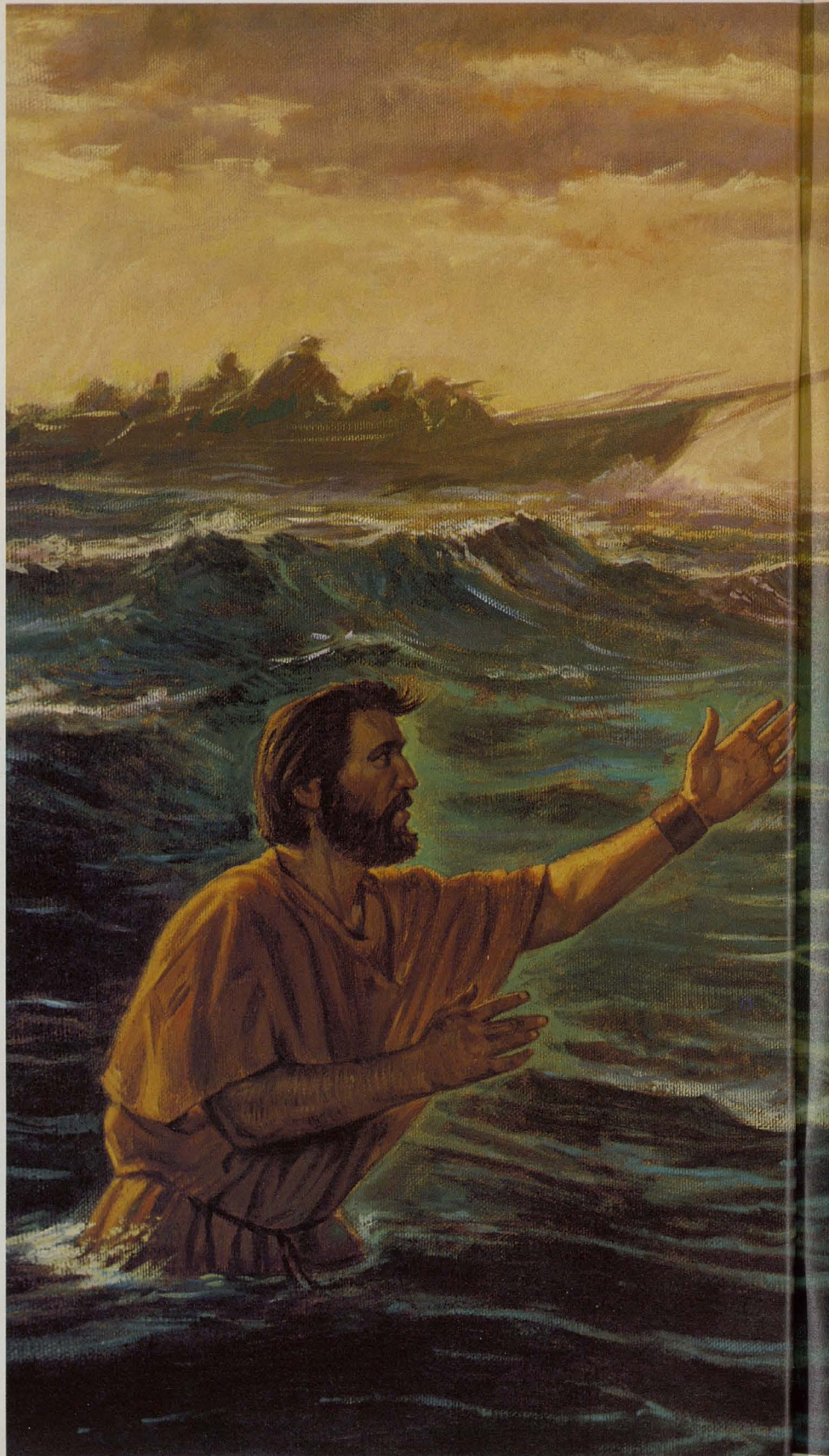
bênçãos de Suas próprias mãos. Naquela ocasião, os discípulos disseram que não havia necessidade disso, pois Jesus declarara que salvaria as criancinhas. (Ver TJS Mateus 19:13.)

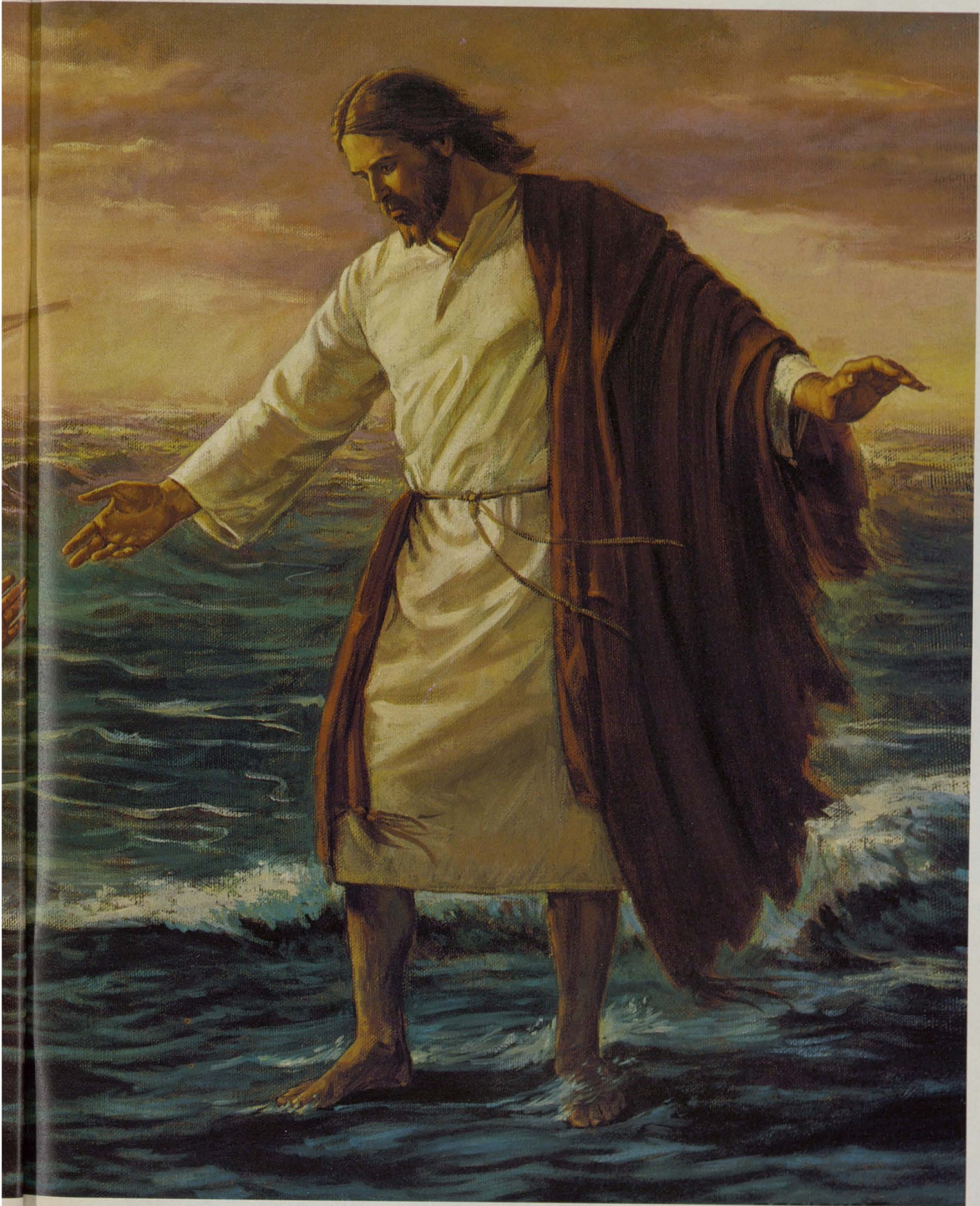
16. Jesus ensinou que não devemos permitir que os amigos nos desviem de Seus ensinamentos. A TJS esclarece o que o Senhor quis dizer a respeito de cortar uma mão que nos ofenda. Ele falava daqueles próximos a nós que nos podem desviar do caminho. Se, por exemplo, nosso irmão ofender-nos e não confessar e abandonar seu pecado, ele deverá ser separado de nós. O Senhor disse que é melhor vivermos a vida sem esse irmão do que ir para o inferno com ele.

Jesus disse que esse princípio se aplica mesmo àqueles que consideramos um modelo a seguir; se ele transgredir, será separado de nós. Cada um de nós deve manter-se em pé ou cair por si mesmo e nunca depender de outrem. É melhor entrar no céu sem tais amigos e companheiros do que ser atirado no inferno com eles. (Ver TJS Marcos 9:40-42, 44, 46-48.)

17. Joseph Smith aprendeu mais a respeito do que aconteceu na transfiguração de Jesus.

■ Disse o Profeta Joseph Smith: “O Salvador, Moisés e Elias entregaram as chaves a Pedro, Tiago e João no monte, quando da transfiguração.”







Cristo e o Jovem Rico. O jovem rico parte após ouvir o conselho de Jesus para que desse suas riquezas aos pobres. (Ver Mateus 19:16-26.)

(*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 154.) O Profeta também aprendeu que o Senhor mostrara a Pedro, Tiago e João, enquanto estavam no monte, o modelo para a futura transfiguração da Terra:

“(. . .) o que permanece na fé e faz a Minha vontade (. . .) e, quando vier o dia da transfiguração, receberá uma herança na Terra;

Quando esta for transfigurada, de acordo com o modelo que sobre o monte se mostrou aos meus apóstolos; relato cuja plenitude ainda não recebestes.” (D&C 63:20-21)

■ Joseph Smith também aprendeu que o Senhor usou o termo *Elias* para referir-se a mais de uma pessoa. Quando desciam do monte, Pedro, Tiago e João perguntaram a Jesus por que a profecia dizia que o profeta Elias deveria vir *antes* do grande e terrível dia do Senhor (ver Malaquias 4:5-6), quando, na realidade, Jesus cumpria Seu ministério antes do profeta Elias vir a Ele no monte.

Jesus disse que Elias na verdade viria restaurar todas as coisas, conforme os profetas haviam escrito, mas um Elias já viera. Esse Elias preparara o caminho antes Dele, mas as pessoas não reconheceram aquele mensageiro e fizeram a ele o que desejaram. O Senhor então definiu *Elias* como sendo aquele que preparara o caminho antes Dele. Nesse momento, os discípulos compreende-

ram que Jesus falava não somente de João Batista, mas também de um outro que viria restaurar todas as coisas, conforme havia sido escrito pelos profetas. (Ver TJS Mateus 17:10-14.)

18. Alguns dos seguidores de Jesus tinham medo de confessar sua crença Nele. O Profeta Joseph Smith aprendeu algo desconhecido aos leitores da Bíblia anteriormente: Ao final do ministério de três anos de Jesus, alguns de Seus discípulos e seguidores falavam abertamente contra Ele porque tinham medo de testificar a Seu respeito a outrem. Entretanto, Ele esclareceu que poderiam arrepender-se disso. (Ver TJS Lucas 12:10-12.)

19. Devido à sua descrença, foi dito a Jesus que falasse pouco aos judeus a respeito da Israel dispersa. Jesus disse-lhes que tinha outras ovelhas que não eram daquele aprisco. Por causa da reação dos judeus, o Pai disse a Jesus que não lhes dissesse nada mais a respeito desse assunto. Disse Jesus aos nefitas: “Vós sois meus discípulos, e sois (. . .) [remanescentes] da casa de José. (. . .)

Somente isto me ordenou o Pai que lhes dissesse [aos judeus]:

Que tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também devo conduzir estas e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um pastor.

E agora, por causa de sua obstinação e incredulidade, não compreenderam minha palavra; portanto o Pai me ordenou que nada mais lhes dissesse a respeito disto.” (3 Néfi 15:12, 16-18.)

20. Joseph Smith aprendeu muitas coisas que esclarecem as informações que Jesus deu aos discípulos no Monte das Oliveiras. Durante a última semana do Salvador na mortalidade, Ele voltou ao templo após havê-lo purificado no dia anterior. Nesse dia, Jesus falou de muitas coisas importantes, entre elas a futura destruição do templo de Jerusalém. Suas palavras geraram perguntas dos discípulos e as respostas do Senhor constituem o que hoje se conhece como o sermão do Monte das Oliveiras.

A maior parte das traduções deste sermão em Mateus, Marcos e Lucas inclui importantes ensinamentos e profecias. Mas durante séculos, a seqüência do sermão do Senhor levou os estudiosos do evangelho a levantarem muitas questões. Assim, não surpreende que o Senhor tenha revelado ao grande restaurador dos últimos dias, Joseph Smith, informações adicionais claras a respeito desses ensinamentos.

As novas informações dadas ao Profeta Joseph Smith são tão extensas e acrescentam tantas correções às versões existentes da Bíblia que não há espaço suficiente aqui para examiná-las em sua totalidade. Ainda



(Esquerda) A Entrada Triunfal em Jerusalém. Jesus entra em Jerusalém montado em um jumento. (Ver Lucas 19:28–40.) No Jardim do Getsêmani. Jesus ora e sofre no Getsêmani. (Ver Mateus 26:36–46.)

assim, pode-se ressaltar que em 7 de março de 1831, o Profeta Joseph Smith recebeu Doutrina e Convênios 45. Dos versículos 15 ao 59, o Senhor faz uma revisão do que dissera no Monte das Oliveiras “como aos Meus discípulos o mostrei” (vers. 16). Ao final, o Senhor diz que “não vos será dado saber nada mais concernente a este capítulo, até que o novo testamento seja traduzido, e nele todas estas coisas se farão conhecidas” (vers. 60). Em conseqüência, o Profeta Joseph Smith recebeu, posteriormente ainda naquele ano, o texto Joseph Smith—Mateus incluindo de Mateus 23:39 até o capítulo 24, conforme encontrado atualmente na Pérola de Grande Valor. Mais adiante, quando traduzindo o livro de Lucas, o Profeta recebeu a tradução correta dos capítulos 12, 17 e 21 de Lucas, que relacionam-se com o conteúdo de Mateus 24.

A partir desses novos textos, estabelece-se claramente a estrutura da pregação de Jesus, e a partir daí temos um novo entendimento do que o Senhor ensinou. Seguem-se algumas das coisas que aprendemos:

■ Jesus disse claramente a Seus

discípulos que “esse povo será destruído e dispersado por entre todas as nações” (D&C 45:19) e que isso aconteceria durante “esta geração” (vers. 21) e que “todas as coisas (. . .) são somente o princípio dos sofrimentos que virão sobre eles” (Joseph Smith—Mateus 1:19).

■ Jesus disse que nos últimos dias “quando o tempo dos gentios chegar, entre aqueles que se assentam nas trevas, resplandecerá uma luz, a qual será a plenitude do Meu evangelho;

Mas eles não a recebem; (. . .) e por causa dos preceitos dos homens desviam de Mim os seus corações.” (D&C 45:28–29)

■ O Senhor esclareceu a seqüência dizendo que “e novamente, (. . .) a abominação de desolação” cairá sobre Jerusalém. (Joseph Smith—Mateus 1:32; grifo nosso.) “Os poderes dos céus [serão] estremecidos” (vers. 36) e os justos serão levantados. Na TJS, Jesus fala de anjos que descem e reúnem os remanescentes dos justos de onde estiverem. (Ver TJS Lucas 17:38.)

■ “Mas antes que caia o braço do Senhor, um anjo soará a sua trombeta, e os santos que estiverem

dormindo surgirão para Me encontrar nas nuvens.” (D&C 45:45) “E então o Senhor assentará o Seu pé sobre este monte, e o mesmo se rachará em dois” (vers. 48) e os judeus “olharão para Mim e dirão: o que são essas feridas em Tuas mãos e Teus pés?” (vers. 51)

■ Após Jesus purificar o mundo, “Satanás será amarrado, para que não tenha lugar nos corações dos filhos dos homens.” (D&C 45:55)

21. Ao instituir o sacramento, Jesus ensinou a respeito de lembrar-se Dele. O texto restaurado das palavras de Jesus na última ceia com o Quórum dos Doze dá grande clareza e um novo entendimento às instruções do Senhor relativas à ordenança do sacramento. O texto registra que, enquanto comiam, Jesus pegou do pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos discípulos, pedindo que o aceitassem e comessem. A TJS deixa claro que o pão não era realmente Seu corpo, mas um símbolo de Seu corpo. Ele disse aos discípulos que comessem do pão *em lembrança* de Seu corpo; sempre que assim o fizessem, deveriam *lembrar esse momento com Ele*.



O Senhor fez o mesmo com a taça. Após dar graças, deu-lhes a taça e todos beberam. Ele disse que esta taça era *em lembrança* de Seu sangue, que seria derramado por muitos. Aprendemos também que a ordenança dada por Ele aos Apóstolos era um novo testamento e que eles deveriam prestar testemunho Dele a todo o mundo. Sempre que participassem da ordenança, deveriam *lembrar-se Dele e de que Ele bebera da taça com eles pela última vez em Seu ministério mortal* (Ver TJS Marcos 14:20-24.)

22. No Getsêmani, não foi Jesus quem "começou a ter pavor" mas Seus discípulos. O Profeta Joseph Smith aprendeu que em lugar de Jesus "começar a ter pavor" no Getsêmani, como sugere a maioria das traduções, foram os discípulos que tiveram pavor. Eles angustiaram-se e começaram a questionar-se se Jesus era o Messias. Jesus sabia o que se passava em seus corações e pediu aos discípulos que se sentassem enquanto Ele orava. (Ver TJS 14:36-37.) A seguir, repreendeu Pedro, Tiago e João e disse-lhes que Sua alma estava cheia de grande sofrimento, mesmo até a morte. (Ver TJS Marcos 14:38.)

A respeito da intensidade do sofrimento de Jesus para realizar Seu grande sacrifício expiatório, o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith: "Pois eis que Eu, Deus, sofri

estas coisas por todos, para que arrependendo-se não precisem sofrer;

Mas, se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como Eu sofri;

Sufrimento que Me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, e sofrer, tanto corporal como espiritualmente—desejar não ter de beber a amarga taça e recuar—

Todavia, glória ao Pai, Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:16-19)

23. Os soldados que crucificaram Jesus não perceberam que haviam crucificado o Filho de Deus. A tradução do Profeta Joseph Smith indica que as palavras de Jesus "não sabem o que fazem" (Lucas 23:34) referiam-se aos soldados que o haviam crucificado (Ver TJS Lucas 23:35) e a afirmativa não tem uma aplicação mais ampla, conforme algumas traduções dão a entender.

24. As últimas palavras de Jesus foram que a vontade de Seu Pai havia sido cumprida. A TJS revela que entre as últimas palavras de Jesus na cruz, não registradas em outras traduções da Bíblia, incluíam-se expressões a respeito de Sua obediência ao que Ele havia sido enviado por Seu Pai para fazer. Ao final do sofrimento, imediatamente

antes de Sua morte, o Salvador gritou em alta voz, declarando ao Pai que o trabalho estava terminado e que a vontade do Pai se havia cumprido. (Ver TJS Mateus 27:54.)

25. Houve grandes cataclismos e três dias de escuridão no Novo Mundo quando da morte do Salvador. No Velho Mundo, Lucas escreveu que enquanto Jesus estava na cruz, "era já a hora sexta, e houve trevas em toda a terra até a hora nona, escurecendo-se o sol;

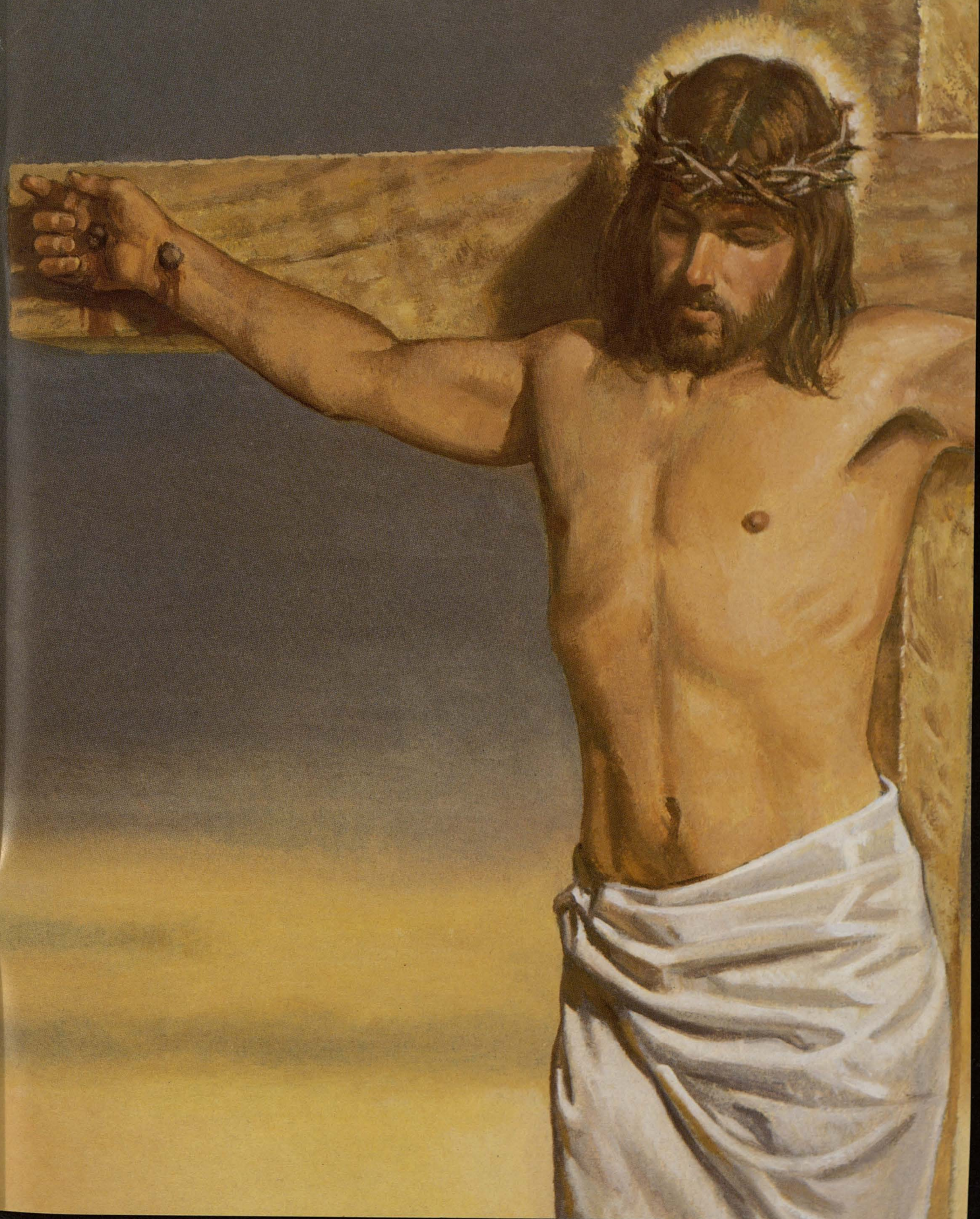
E rasgou-se ao meio o véu do templo." (Lucas 23:44-45)

Por meio do Livro de Mórmon, aprendemos que eventos correlatos também aconteceram no Novo Mundo, incluindo-se tormentas, tempestades, trovões, relâmpagos e terremotos. A seguir "houve trevas sobre a face da terra". (3 Néfi 8:19)

"E aconteceu que essas trevas duraram pelo espaço de três dias, nos quais não foi vista luz alguma" (3 Néfi 8:23) enquanto a vida mortal do Senhor chegava ao fim.

Fomos abençoados muitíssimas vezes por meio do ministério do Profeta Joseph Smith. Ainda hoje, muitos membros da Igreja não conhecem o quão extensas são as revelações por ele recebidas. De grande importância entre estas revelações encontra-se o maior conhecimento que ele recebeu do Senhor Jesus Cristo e de Sua missão mortal e ensinamentos. □

Ο ΒΑΣΙΛΕΥΣ





As revelações modernas expandem grandemente nosso conhecimento a respeito de Jesus Cristo. Sabemos que Ele ensinou não apenas no Velho Mundo, mas também no Novo Mundo—e continua a revelar Sua vontade nos dias de hoje. (Ver páginas 8 e 32 para artigos relacionados.)

